



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

HÉRICA JANAINA DA SILVA FERNANDO

**ENTRE O INDIZÍVEL E A IDEALIZAÇÃO:
CORPO E SEXUALIDADE DE MULHERES JOVENS RURAIS DE
SÃO BENTO DO UNA-PE**

**SUMÉ - PB
2023**

HÉRICA JANAINA DA SILVA FERNANDO

**ENTRE O INDIZÍVEL E A IDEALIZAÇÃO:
CORPO E SEXUALIDADE DE MULHERES JOVENS RURAIS DE
SÃO BENTO DO UNA-PE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semi-árido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Dra. Júnia Marússia Trigueiro de Lima.

**SUMÉ - PB
2023**



F363e Fernando, Hérica Janaina da Silva.
Entre o indizível e a idealização: corpo e sexualidade de mulheres jovens rurais de São Bento do Una - PE. / Hérica Janaina da Silva Fernando. - 2023.

62 f.

Orientadora: Professora Dra. Júnia Marúcia Trigueiro de Lima.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Corpo e sexualidade. 2. Mulheres rurais. 3. São Bento do Uma - PE - mulheres rurais. 4. Sexualidade camponesa. 5. Cultura e sexualidade. 6. Corpo. 7. Camponesas - sexualidade e corpo. 8. Juventude e sexualidade camponesa. 9. Gênero e sexualidade. 10. Grupo focal. I. Lima, Júnia Marúcia Trigueiro de. II Título.

CDU: 316(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

HÉRICA JANAINA DA SILVA FERNANDO

**ENTRE O INDIZÍVEL E A IDEALIZAÇÃO:
CORPO E SEXUALIDADE DE MULHERES JOVENS RURAIS DE
SÃO BENTO DO UNA-PE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semi-árido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

**Professora Dra. Júnia Marússia Trigueiro de Lima.
Orientadora - UACIS/CDSA/UFCG**

**Professora Dra. Maria de Assunção de Lima Paulo.
Examinadora Externa - UACS/CH/UFCG**

**Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.
Examinador Interno – UACIS/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 22 de junho de 2023.

SUMÉ - PB

As minhas ancestrais, mulheres fortes e guerreiras,
transcendem em mim a sabedoria e força que me
impulsiona a caminhar.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Pachamama, Deusa mãe, minha fortaleza, onde sempre renovo minhas energias e forças, me recarregando dia após dia.

A minha família em especial a minha mãe, irmãs e sobrinhas por todo apoio dado para realização desse sonho e mesmo a distância me encorajar a seguir a diante.

A Fabiana, por todo apoio, puxões de orelha, por acreditar em mim e me incentivar todas as vezes que não acreditei em mim e pensei em desistir, e por estar ao meu lado nos últimos cinco anos. Ter chegado até aqui sem dúvida tem muito de você.

A Isabela e Rodrigo, pela companhia no início desse percurso, dividimos mais que uma casa, dividimos sonhos, problemas, nos divertimos e nos fortalecemos, nossa parceria foi primordial para segurar as pontas nas dificuldades.

A professora e orientadora Júnia, por toda paciência e dedicação, e por desde o início acreditar neste trabalho e me encorajar a prosseguir. Agradeço por me colocar para cima todas as vezes que desacreditei do meu potencial.

A Gleicilene, Josiel, Dalila, Vinícios, Duda e Izadora pelas parcerias e contribuições durante esse percurso.

A todos os professores e professoras que contribuíram nesse caminho, em especial ao professor Valdonilson pelo acolhimento no NEGES no início desse curso, ampliando os meus horizontes para as questões de gênero.

As dez colaboradoras doaram um pouco de seu tempo para partilhar um pouco de suas vivências e tornar este trabalho possível.

Ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais pela parceria e o acolhimento durante a pesquisa.

A banca examinadora, professor Valdonilson Santos e professora Assunção de Paulo.

Por fim, agradeço a mim mesmo, por todas as batalhas travadas contra a auto sabotagem e a insegurança, e segurar as pontas quando tudo parecia perdido.

“É sempre tempo de amor, ainda que os medos sejam constantes, ainda que a utopia pareça distante, ainda que venham as contradições e mesmo nas nossas fileiras convivemos com a dor”

Bruna Matos de Carvalho

RESUMO

Este trabalho busca analisar como jovens camponesas lidam com seu corpo e sexualidade a partir de relatos de suas vivências no âmbito familiar e nos espaços de sociabilidade. Observando as influências do cristianismo na construção sócio histórica que moldam, através da educação, os comportamentos sexuais, notamos formas em que os moldes patriarcais e capitalistas detém o controle dos corpos por meio da sustentação de um padrão de beleza. A pesquisa teve a participação de mulheres de sete comunidades rurais do município de São Bento do Una, Pernambuco, situado no agreste meridional. Parte do princípio de que corpo e sexualidade, assim como o gênero, são construções culturais (BUTLER,2002); (RUBIN, 2019). Foi utilizada a metodologia qualitativa e ouviu 10 jovens por meio de entrevista semiestruturada e grupo focal. Constatou-se que os jovens têm uma relação de insegurança com seus corpos por não se encaixar aos padrões, enquanto a sexualidade não é um assunto tratado entre as famílias.

Palavras-chave: sexualidade camponesa; corpo; cultura.

ABSTRACT

FERNANDO, Hérica Janaina da Silva. **Between the unspeakable and idealization: body and sexuality of young rural women from São Bento do Una-PE.** UFCG, 2023. 63p. (Degree Thesis). Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande – Sumé – Paraíba – Brazil, 2023.

This monograph seeks to analyze how young peasant women deal with their bodies and sexuality based on reports of their experiences in the family sphere and in sociability spaces. Observing the influences of Christianity in the socio-historical construction that shape, through education, sexual behavior, we note ways in which patriarchal and capitalist molds control bodies by sustaining a standard of beauty. The research had the participation of women from seven rural communities in the municipality of São Bento do Una, Pernambuco, located in the southern agreste. It starts from the principle that body and sexuality, as well as gender, are cultural constructions (BUTLER, 2002); (RUBIN, 2019). Qualitative methodology was used and 10 young people were interviewed through semi-structured interviews and focus groups. It was found that young women have a relationship of insecurity with their bodies because they do not fit the standards, while sexuality is not an issue addressed by families. Key words:

Keywords: peasant sexuality; body; culture,

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLOC – Coordenação Latina de Organizações Camponesas

IST's – Infecções Sexualmente Transmissíveis

LGBTs – Lésbicas, Bissexuais e Transsexuais

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais ou Transgêneros, Queen, Intersexo, Assexuais.

PE - Pernambuco

PNE - Plano Nacional de Educação

OMS – Organização Mundial de Saúde

STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Localização geográfica do município de São Bento do Una – PE.....	13
MAPA 2 – Divisão geográfica das comunidades rurais do município de São Bento do Uma...	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	Gênero e sexualidade.....	15
2.2	Juventude e sexualidade camponesa.....	20
2.3	Corpo e cultura.....	23
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	26
3.1	Tipo de estudo.....	27
3.1.1	Questionário.....	27
3.1.2	Entrevistas.....	28
3.1.3	Grupo Focal.....	29
3.2	Trabalho de campo.....	30
3.3	Análise de dados.....	34
3.4	Posicionamento ético.....	35
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	36
4.1	Sexo, sexualidade e espaços de sociabilidade.....	37
4.2	Padronização dos corpos.....	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	52
	APÊNDICES.....	58

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma análise de como mulheres jovens camponesas do município de São Bento do Una-PE lidam com seu corpo e sexualidade nos espaços de sociabilidade, observando as influências religiosas e patriarcais que regem os costumes e a forma como foram educadas.

A pesquisa ouviu dez jovens, de sete comunidades rurais do município de São Bento do Una, Agreste Meridional de Pernambuco, localizado a 215 km da capital Recife, com população estimada de 60.567 habitantes (IBGE, 2021). São municípios limítrofes: Belo Jardim, Tacaimbó, Jupi, Lajedo, Jucati, Cachoeirinha, Sanharó, Pesqueira e Capoeiras.

Mapa 1 – Localização geográfica do município de São Bento do Una - PE



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Bento_do_Una

O município tem um extenso território rural, são 706,38 km², comparado aos 12,81 km² da área urbanizada (IBGE, 2023). A principal economia está voltada à agropecuária, avicultura, agricultura e comércio. No último censo do IBGE (2010), 25.225 dos municípios são bentenses viviam na zona rural, o que corresponde a 47,39% da população.

Nas comunidades rurais afastadas das atrações culturais dos centros urbanos, os únicos espaços de sociabilidade e pontos de encontro para os jovens são os campinhos de futebol, frequentados exclusivamente por homens, as escolas e as capelas. O município é majoritariamente católico, 89,9% da população se declara Católica Apostólica Romana, (IBGE, 2023). Em algumas comunidades eles se organizam em grupos de jovens católicos, com encontros semanais. Os festejos dos santos padroeiros são um dos principais fomentos culturais nas comunidades.

Considerando que o campo de pesquisa é majoritariamente católico, e entendendo a religião como um elemento de estruturante do sistema patriarcal por determinar, através da teologia o lugar do feminino e do masculino na sociedade (LEMONS, 2013), as igrejas

manifestam-se como forte instrumento de poder da representação masculina, que se expressa de diferentes formas na vida cotidiana sem que se perceba tal intervenção na construção das identidades, colocando as mulheres como submissas. Segundo Balestrin (2019) a dominação masculina ainda é muito presente no meio rural, mantendo as mulheres subordinadas. Tal submissão vai desde a divisão desigual dos afazeres do campo, em que seu trabalho é visto como “ajuda”, e o doméstico como uma obrigação, ao controle do corpo e da liberdade feminina.

Nos últimos anos, tanto o meio acadêmico, quanto os movimentos sociais ampliaram seus estudos acerca das juventudes como atores sociais (ABRAMO, 1997). No entanto, no que tange às discussões sobre a juventude camponesa, a centralidade da temática está no êxodo rural, permanência no campo, políticas públicas, desigualdades e violência de gênero (NASCIMENTO et al, 2016), sendo a relação o corpo e sexualidade pouco visibilizada nessa estrutura (BELUSSO, et al, 2020); (VIEIRA, 2004). Para muitos a sexualidade é um tema sem importância, pois haveria temas mais urgentes na sociedade como a fome e o racismo (RUBIN, 2012), mas desconsidera-se as centenas de vítimas de LGBTfobia que padecem todos os anos, ou simplesmente não conseguem viver sua sexualidade por medo da sociedade, condenando-se a uma vida de desprazeres.

Assim, a presente pesquisa permite conhecer as vivências e sociabilidade no âmbito familiar e nas relações interpessoais das jovens camponesas, entendendo o campo como um lugar heterogêneo de corpos e sexualidades que agem e reagem de distintas formas na construção sociocultural de sua identidade social.

No segundo capítulo apresento as linhas teóricas que embasam este trabalho: a compreensão de corpo e sexualidade não está dissociada das relações de gênero, ambas se entrelaçam e apresentam-se como construções histórico-culturais, mantendo um viés patriarcal que permeia o modo viver camponês. No terceiro capítulo, me detenho ao percurso metodológico para a realização desta investigação, as motivações que me levaram a este trabalho, as experiências de campo e o caminho que me levou às categorias analíticas.

No quarto capítulo, apresento os resultados obtidos, quais as percepções e sentimentos permeiam entre as jovens camponesas relacionados ao corpo e sexualidade. Subdividido em dois tópicos no primeiro: sexo, sexualidade e espaços de sociabilidade, discorre sobre a vivência da sexualidade no âmbito familiar, ligado a moral cristã o assunto não é tocado entre pais e filhos, visto como algo particular. O segundo tópico, apresenta a relação das jovens com seu corpo, que presos a idealização de beleza do sistema capitalista patriarcal, se veem insatisfeitas passando por momentos de baixa autoestima.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta um olhar acerca de construções sócio-históricas sobre corpo, gênero e sexualidade na sociedade. Ao longo do texto, elenca conceitos-chaves que nos guiarão a uma reflexão mais ampla sobre a temática abordada durante o trabalho, elucidando a importância de cada categoria escolhida, para a compreensão dos resultados da pesquisa de TCC.

A discussão está dividida em três tópicos que apresentam ideias centrais a respeito das concepções de gênero, sexualidade e corpo. Na primeira parte, gênero e sexualidade descrevo o gênero partindo do ponto de vista da construção histórica das relações de poder (SCOTT, 1989), caracterizada pela ideia de universalização da subordinação feminina (BUTLER, 2002); (ORTNER, 1979); (BEAUVOIR, 1980) e a contraposição da universalidade por Strathern (2006). É retratada também a relação corpo e sexualidade, sob influência da cultura ocidental também determinante nas relações de gênero.

Na segunda seção abordo a categoria juventude e a relação da sexualidade nos espaços rurais. Pouco visibilizada na literatura sobre campesinato (GONTIJO, 2015), a sexualidade camponesa é vivenciada cotidianamente de forma silenciada dentro das famílias. Trataremos da reprodução dos papéis de gênero que invisibilizam a sexualidade feminina e a diversidade sexual no campo.

No terceiro tópico corpo e cultura, relato como cada sociedade, ao seu modo, constrói e dá significados ao corpo, criando uma relação muitas vezes mercadológica em que o corpo para atingir um padrão ideal, vai se moldando e incorporando novos “habitus”.

2.1 Gênero e sexualidade

Para Scott (1989, p. 22), “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Segundo a autora, a categoria gênero tem início entre as feministas norte-americanas na década de 1960 para designar que as diferenças dos papéis entre homens e mulheres são construídas socialmente.

Embora a categoria gênero passe a ser usada somente na década de 1960, a discussão sobre os papéis dados a homens e mulheres como uma construção cultural é bem anterior. Em

1935, Margaret Mead (2006), colocava que alguns comportamentos tidos como feminino ou masculino não são inatos, podendo alternar a depender da cultura, a exemplo dos povos Tchambuli, onde as mulheres saíam para pescar e os homens se encarregaram de atividades cerimoniais (FELIPPE, OLIVEIRA-MACEDO, 2018). Também Beauvoir, em 1949, problematiza a ideia do que é ser mulher, ao afirmar que a mulher como a vemos é uma construção social evidenciada a partir do sexo biológico (BEAUVOIR, 1980).

Butler (2002) considera que as relações de gênero antecedem o nascimento. A partir da descoberta do sexo são determinados os tipos de roupas e brinquedos para feminino ou masculino. Nesse sentido destaca que o sexo assim como o gênero, também é produzido por meio da cultura, afirma que essa idealização do feminino é reforçada por diversas instâncias de poder ao longo de sua vida. Nessa linha de pensamento das relações de gênero, Ortner (1979) aponta haver um enraizamento de esfera social e econômica que classifica a mulher como inferior ao homem.

A universalização da subordinação feminina, o fato de existir em todo tipo de classificação social e econômica e em sociedade de todo grau de complexidade, indica que estamos frente a algo muito profundo e inflexível e que não podemos desenraizar simplesmente reclassificando algumas tarefas e papéis no sistema social, ou mesmo reordenando toda a estrutura econômica. (ORTNER, 1979, p. 97-98)

Dessa forma, Ortner (1979) trata a opressão feminina como uma categoria universal que atinge mulheres de culturas diversas em diferentes períodos. Beauvoir (1980) corrobora com esse pensamento ao dizer que a opressão vivenciada pelas mulheres em toda história da humanidade é universal.

Problematizando a ideia da universalização da subordinação feminina, Strathern (2006) afirma que as generalizações no estudo de diferentes sociedades tiram de contexto as construções locais sobre o que se constitui como gênero. Se referindo à Melanésia, diz que seria um erro partir de uma percepção feminista ocidental, sem entender os diferentes processos de sociabilidade. Para a presente pesquisa, poderíamos constatar a partir desta concepção, que apontar a generalização da opressão feminina sem levar em conta as especificidades, por exemplo, de classe e raça, desconsidera as diferentes formas de opressão, que atinge cada mulher de forma particular.

É de interesse deste trabalho trazer uma análise da forma como a cultura ocidental influenciou na construção de relações desiguais entre os gêneros, que permeia a sociedade até os dias atuais. Como poderemos ver na análise dos dados da pesquisa, o sistema patriarcal mantém sua hegemonia no domínio dos corpos e na influência da vivência sexual das mulheres. Para entender como funciona este sistema, Lemos (2013) nos dá a seguinte conceituação:

O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: a) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, b) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas. Também, legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia feminina. Além do mais, estabelece papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas. (LEMOS, 2013, p. 202)

Estando as mulheres e jovens subordinados aos homens, subentende-se que a categoria Jovem e Mulher estão duplamente subordinadas por padrões e normas que inferiorizam suas vidas e suas funções e controlam seus corpos e sexualidade. Para Saffioti (1987), esse poder tem sua máxima no campo político, pois é através das leis e normas criadas por homens que se define a vida na sociedade. Assim, as desigualdades de gênero, construídas histórica e culturalmente, projetam relações sociais em que a figura masculina cria as regras do jogo e detém o poder.

Nesse escopo, as mulheres carregam em seus corpos as marcas da opressão, de serem silenciadas, moldadas, vistas como um objeto ou peça fundamental para manutenção da vida masculina, pois a ela é dado o dever de cuidar da casa e zelar pela família. Tomemos como exemplo a cultura ocidental, é possível conhecer o sexo biológico de um bebê mais ou menos na 13^o semana de gestação. Nesse momento começa toda a construção de um cenário para a sua chegada: roupas, brinquedos, decoração do quarto, onde são associadas cores que os classificam como feminino ou masculino. Dessa forma, meninos e meninas carregam em seus corpos as marcas da cultura na qual estão inseridas, esperando-se um tipo comportamental determinado pelo seu gênero. (LOURO, 2000).

Nesse escopo os corpos vão sendo educados para atender determinados padrões, meninos serão incentivados à liberdade, seu corpo deve ser viril, não pode demonstrar sentimentos e meninas serão preparadas para o cuidado do lar. Com a chegada da puberdade a

menina irá enfrentar muitas restrições, como a ideia do corpo belo, nem gordo nem magro demais que evidencia todo o estigma sobre os padrões de beleza, subjugando aquelas que não se encaixam nas normas impostas. Além disso, há controle social sobre sua virgindade, menstruação e sexualidade, a fim de manter a ordem, como poderão ver nos resultados da pesquisa.

Esse processo vai condenando aqueles que não seguem os padrões a eles destinados e excluindo-os dos espaços de sociabilidade. Outro processo inverso a este apela para a necessidade de aceitação, e a busca do “corpo perfeito”, impulsionado massivamente pelas mídias. Além do padrão corporal, “em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã” (LOURO, 2000, p. 09).

A forma como as meninas são educadas dentro dessa cultura patriarcal, dirá muito na sua adolescência e juventude, momento em que passam a se conhecer e fortalecer sua identidade. Se crescem cerceadas de imposições e diminuídas pelo fato de serem mulheres, possivelmente isso implicará na forma como se relacionam no dia a dia.

As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2000, p. 6)

De acordo com Organização Mundial de Saúde - OMS (2023), a sexualidade é “um aspecto central do ser humano ao longo da vida, abrange sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução”. Logo, é basilar o estudo da sexualidade para compreensão da dimensão humana.

Ao longo da história, de acordo com Louro (2000), a sexualidade foi sendo naturalizada como algo privado, do íntimo das relações entre casais. A autora ressalta que a vivência da sexualidade é tida como um assunto para a vida adulta e questiona o que se fazia com as curiosidades, questionamentos que vão surgindo e como apreender sobre sexo, sexualidade na adolescência e juventude. Para a autora, a sexualidade, assim como o gênero, é historicamente construída a depender da cultura. Também Rubin (2019) considera a sexualidade um constructo social, permeado de conflitos e interesses políticos.

Pensando no caso brasileiro, a ideia de sexualidade foi sendo construída sob influência do cristianismo, que a tinha com intuito único de reprodução. Qualquer forma de prazer devia ser evitada. Belusso et. al (2020), se referem a esse processo histórico como “colonização da

sexualidade” ou “colonização dos sentimentos”, uma vez que é com a chegada dos portugueses que passa-se a imprimir os costumes culturais em que a liberdade sexual é pecado, conectando o prazer a um sentimento de culpa. A sexualidade é então construída ligada ao pecado, opressão e preconceito.

Na América Latina, antes da chegada dos europeus, a vivência da sexualidade não estava restrita à monogamia heterossexual. Era comum, por exemplo, a prática homossexual entre os povos originários. Nos povos Maias “As relações entre pessoas do mesmo sexo eram próprias do tempo dos ritos de passagem, em que um menino se transformava em um homem” (BBC, 2010). Entre os Astecas, pessoas se transvestiam, assumindo um papel diferente do seu sexo biológico e cultuava uma divindade hermafrodita a deusa Xochipilli, protetora do amor e da sexualidade. No Brasil, antes da colonização, na etnia Tupinambá, os indígenas gays eram chamados de tibiras e as mulheres lésbicas de çacoiambeguirá. É somente com a vinda dos europeus, onde tais práticas eram consideradas pecados que essas relações começam a ser mudadas pela intervenção da moral judaico-cristã (MOTT, 1994).

Portanto, é somente a partir da colonização portuguesa que a sexualidade passa a ser fundamentada sob os valores cristãos, tendo como princípio moral a monogamia e a heterossexualidade. Beauvoir (1980) aponta para uma tradição na educação das crianças que reflete o passado, ao tempo que esse passado carrega a história construída pelos homens. Mesmo que haja muitas transformações nessas últimas décadas, os homens ainda são maioria na política e nos cargos mais importantes da sociedade, inclusive nas religiões, estas “forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço dos seus desígnios” (BEAUVOIR, 1980, p. 16). Seria, portanto, a religião cristã um dos braços patriarcais que impulsionam e mantêm a cultura de repressão da sexualidade.

Onde o catolicismo é predominante, as mulheres são orientadas desde a infância por princípios religiosos, tendo Maria, a mulher virgem e pura, como exemplo a ser seguido, devendo controlar seus sentimentos relacionados ao prazer, seu comportamento, vestimentas e a forma como se relaciona com outros (IZQUIERDO et. al. 2019). Além da repressão dos desejos sexuais às mulheres, é forjada pelos mesmos princípios a idealização dicotômica da sexualidade, devendo ser vivenciada por pares de opostos.

A sociedade ocidental cristã impõe a heterossexualidade como única forma aceitável de constituição afetiva, “gerando a normatização dos corpos, usando como justificativa o biológico, a cultura e religião” (MACEDO, 2019, p. 21). A discriminação sobre esses corpos

advém do mesmo sistema patriarcal que mantém as mulheres submissas. Dessa forma, a diversidade sexual é vista como algo doentio e uma ameaça à sociedade (RUBIN, 2012). Reputados como transgressores, as pessoas LGBTQIA+ são impedidas de vivenciar sua sexualidade de forma livre e espontânea, sendo reprimidas no seu modo de ser, sentir e viver. Para Rich (1993), a compulsão heterossexual é reforçada na idealização do amor romântico e hétero, fortemente impulsionado pela arte, literatura e mídia.

2.2 Juventude e sexualidade Camponesa

A categoria juventude é apresentada por Pais (1990) como uma fase geracional da vida que tem como basilar a continuidade das gerações anteriores. De Castro (2005, p.11) afirma que “as diferentes construções do que é ser jovem, (...) variam nos espaços por onde transitam, e de acordo com as posições sociais que ocupam”. Para Vieira (2004, p.22) os jovens passam por “profundas transformações subjetivas e psico-biológicas”. A autora destaca ainda que é um momento conflituoso diante das diversidades culturais coexistentes. Dessa forma, não seria a juventude apenas uma continuidade dos seus antecessores, mas, à medida que interagem em distintos espaços sociais, promovem também transformações culturais.

No campo da antropologia, segundo Bittencourt e Pereira (2021), são poucos os trabalhos destinados ao estudo da juventude como categoria social, estando voltado mais aos ritos de passagem. Esse número é bem menor quando partimos para o estudo das juventudes rurais. Izquierdo et. al. (2020) ressaltam que o termo “juventude rural” surge na década de 60, por meio de sindicatos e movimentos sociais que percebem a exclusão social desses agentes, devido à expansão capitalista. No Brasil, a partir da década de 1950, o êxodo rural se intensificou ligado pela escassez de recursos, a falta de assistência do Estado aos povos rurais e a necessidade de mão de obra no processo de industrialização nos centros urbanos (CAMARANO, ABRAMOVAY, 1999). Logo, a preocupação de cientistas sociais estava voltada para entender esse fenômeno e suas consequências.

Associado a isso, o tema relacionado à sexualidade, foi pouco visibilizado e tratado sem importância pelos estudiosos, para compreensão da vida camponesa. (VIEIRA, 2004); (IZQUIERDO *et al.* 2020); (BELUSSO, *et al.* 2020)

As ciências sociais começaram recentemente a olhar para a ruralidade a partir do reconhecimento da sexualidade como elemento importante da vida camponesa. Historicamente os estudos sobre o rural partiam do sistema de

ideias da comunidade rural familiar, monogâmica, heterossexual, onde não havia espaços para corpos desejanter, que fugiam à norma e ao “respeito”. (BELUSSO, *et al*, 2020, p. 9)

Por muito tempo, as camponesas e camponeses foram vistos como rudes, homens valentes e mulheres bravas representados nas figuras de Lampião e Maria Bonita ou mesmo na arrogância dos coronéis, sendo negligenciados os afetos e as vivências da sexualidade. Para Vieira (2004) a sexualidade de jovens do campo mantém-se na invisibilidade, precisando-se urgentemente abordar essas questões.

Para tanto, faz-se necessário entender as relações de gênero no campo, compreendendo que são determinantes no modo de viver a sexualidade, partindo da premissa de que as diferenças historicamente construídas entre o masculino e o feminino, moldam também a vivência sexual.

Nascimento (2016, p.27) destaca que as mulheres jovens camponesas “estão submetidas a práticas machistas e misóginas que são impostas pelo patriarcado em diversos espaços de sociabilidade”. Izquierdo et. al. (2020) destacam que há uma diferenciação no tratamento da sexualidade entre os gêneros: quando vivenciada pelos homens, eles têm mais liberdade, de forma que ter relações sexuais antes do casamento é naturalizado como algo esperado, supondo que eles não conseguem se privar dos seus desejos. Já as mulheres possuem uma vivência oposta: a perda da virgindade as caracteriza de forma negativa, acreditam que devem se manter virgens para serem valorizadas, sendo também um meio de conseguir um casamento seguro, sem que sejam julgadas.

No decorrer desta pesquisa, foi constatado que, além das determinações patriarcais, o cristianismo mantém influência na educação das jovens camponesas entrevistadas. Guiadas pela moralidade e pelos tradicionais costumes cristãos, prevalece o silenciamento dos pais no que se refere ao tema em questão. Para Bourdieu (2002) a dominação masculina molda os pensamentos e ações da sociedade, reproduzindo assim a violência simbólica¹. Tal designação coloca a sexualidade feminina subordinada aos padrões históricos culturais da moral judaico cristã, onde são ensinadas que falar de sexualidade ou ceder aos desejos sexuais, é algo impróprio para uma jovem (SANTOS, 2003).

¹ Confere a naturalização da dominação masculina de modo que mesmo os dominados não reconhecem tais práticas como violência, terminando por reproduzir as relações de poder que as cerca. (BOURDIEU, 2002)

É o seio familiar a principal instituição de reprodução desses valores morais e religiosos. Historicamente os pais optam por ignorar as transformações da puberdade e a necessidade de entendimento da vivência da sexualidade. De acordo com Beraldo, (2010, p.01).

A maioria dos pais acha constrangedor conversar sobre sexo com seus filhos, ora pela educação recebida de seus pais, ora pela repressão ou por não saberem como abordar o tema. Assim, os filhos na maioria das vezes, ficam sem respostas para suas dúvidas, gerando conflitos ou acidentes inesperados por terem informações errôneas ao consultar variadas fontes impróprias.

Esse tipo de relação entre os pais ficou comprovado nas falas das participantes da pesquisa, como poderemos ver com mais detalhes no capítulo 4. Beraldo (2010) também destaca que a escola deve cumprir, em segundo plano, o papel da educação sexual, uma vez que é na escola onde os adolescentes passam boa parte do tempo. Belusso et. al. (2020, p. 08), ressalta a necessidade de que “a escola, a família, a sociedade provoquem em seus adolescentes a criticidade, a vontade de conhecer, respeitar e humanizar-se frente a sua sexualidade e a do próximo”. No entanto, a escola tende a reproduzir os papéis de gênero, negligenciar as diversidades sexuais (MACEDO, 2019), e a percepção do campo afetivo das jovens que se veem sem um aparato para entender as suas emoções.

Em se tratando da vivência da sexualidade no campo, se produz e reproduz um discurso padrão, que tem como objetivo disciplinador dos corpos nos papéis de gênero, onde o heterossexismo é normatizado na cultura, e expresso nos discursos das pessoas, sendo incorporado como o modo de ser e viver do camponês. (COLETIVO LGBTI- LVC, 2020 p. 24)

O modelo descrito acima força a construção de uma identidade destinada a uma única via possível, colocando as jovens camponesas em redomas heterossexuais. Tais condições tornam-se aparentes quando se tem a ideia de que o campo é um lugar homogêneo, aparentando certa inexistência de pessoas LGBTQIA+, que são comumente invisibilizadas. (COLETIVO LGBTI-LVC, 2020).

2.3 Corpo e cultura

Entre as etnias indígenas no Brasil, segundo Baniwa (2023), o corpo é uma extensão do território, onde transcende a espiritualidade e sabedoria dos povos, mesmo não estando em seus territórios tradicionais. “Quando falamos de corpo-território, estamos falando que nós carregamos heranças ancestrais, que carregamos heranças espirituais nos nossos corpos e, além das heranças, carregamos a sabedoria coletiva dos nossos povos”. (BANIWA, et al, 2023, p.07). Sentem-se violentadas quando a tentam encaixar aos padrões ocidentais, pois não consideram que elas são diversas, assim como seus territórios e biomas.

Veremos no capítulo três, que a relação das participantes da pesquisa com o corpo se torna conflituosa quando influenciadas pela cultura ocidental. As mulheres sentem que precisam se encaixar em padrões historicamente determinados.

A história do corpo humano é a história da civilização. Cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o, constrói as particularidades do seu corpo, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros, cria os seus próprios padrões. Surgem, então, os padrões de beleza, de sensualidade, de saúde, de postura, que dão referências aos indivíduos para se construírem como homens e como mulheres (BARBOSA, et, al, 2011, p.24)

De acordo com Barbosa, et al, (2011), na Grécia Antiga, o foco estava no corpo masculino, objeto de admiração, era preparado para sua exibição em público: quanto mais atlético, viril e jovial mais prestígio teria. Com o cristianismo o corpo é ligado ao pecado, a ideia de beleza é proibida, pois o corpo deve ser um templo sagrado, deve-se recusar os desejos para encontrar a salvação. Com o advento do capitalismo, o corpo passa a ser visto como mercadoria, na lógica de “produção em série”, vende-se a ideia de um padrão estético em que os corpos precisam ser iguais.

Desse modo, Citro (2010) destaca que as crises da burguesia pós Segunda Guerra Mundial e o crescimento dos movimentos de massa dão novos sentidos aos corpos. Nesse mesmo período, os corpos femininos antes domesticados, passam a ser questionados pelo movimento feminista, à medida que ingressam no mercado de trabalho e na vida pública.

Destacando o capitalismo como irmã do patriarcado, Ferreira et al, (2021, p.166) discorre que, para ter controle sobre os operários na transição para o período industrial, promovia-se “a desarticulação dos trabalhadores criando uma divisão entre eles, tanto racista

como sexista”, sustentando-se a ideia de inferioridade feminina. Desse modo, a manutenção e controle sobre as mulheres, frente às crescentes reivindicações do movimento feminista se dão pelo controle dos corpos.

Assim, começou naquela época essa estratégia infalível do mercado que progressivamente vai multiplicando a estética e produtos para os corpos, e sobre o pretexto da autonomia e da vontade do indivíduo sobre seu corpo, promove a incorporação de determinados modelos de corpos socialmente legitimados, e nega outros. (CITRO, 2010, p.26, tradução nossa)

Podemos descrever que a cultura ocidental capitalista, ao mesmo tempo em que cria a idealização de beleza, se adequa à medida que for necessário para manutenção do poder. Wlian (2021) ressalta que, por meio da publicidade, o capitalismo produz o corpo visando-o para o consumo, apropriando-se, muitas vezes, de pautas inclusivas, a exemplo das crescentes propagandas e produtos voltados ao público LGBTQIA+. Podemos acrescentar aqui a inclusão da publicidade para os corpos negros e plus size.

Para Mauss (1974), cada cultura tem ao seu modo a forma de lidar com o corpo, bem como a forma como se apresenta no jeito de andar, nadar, falar etc. Para ele, tais definições são perpetradas por meio do “habitus” de cunho social, ou seja, varia de acordo, “com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, ali onde de ordinário veem-se apenas a alma e suas faculdades de repetição”. (MAUSS, 1974, p.214). Cabe então entender as especificidades de como cada sociedade produz o corpo. De acordo com Peixoto, Dornelles (2017, p. 4)

Estas inúmeras maneiras de se referir ao corpo, ao mesmo tempo, que para uns representa a heterogeneidade, para outros tantos, este é o ponto identificador da desigualdade efetivada em uma variedade de sentidos e significados que articulados atribuem valores sociais diferentes, posicionando uma determinada especificidade com status de superioridade a outras. Como exemplo, a valorização das práticas corporais urbanas em detrimento daquelas que se localizam no contexto rural, exaltando o urbano como moderno e o rural como atrasado.

Nesse sentido, Bourdieu (2006) apresenta a relação do corpo camponês dos homens, visto pelos olhares das moradoras urbanas, como um corpo, desajeitado, mal vestido, e que serve de chacota não atraindo os olhares das moças. Ao passo que Baltazar (2004) afirma que as telenovelas apresentam os corpos femininos da cidade, seguidamente de um padrão ocidental magro, bem vestido que acaba por influenciar a cultura camponesa reproduzindo, como definiu Mauss (1974) por meio da repetição um “habitus”, onde as pessoas passam a ter comportamentos parecidos. Veremos como esse padrão ocidental foi incorporado ao discurso das participantes desta pesquisa no capítulo 4. Antes disso, no entanto, se faz necessário apresentar como foi realizado o trabalho de campo.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo relato sobre o percurso realizado para a fomentação desta pesquisa, apresento a abordagem escolhida, os métodos e técnicas, o público alvo, bem como as dificuldades encontradas durante esse trajeto para chegar a resultados deste trabalho.

Quando comecei a desenhar o projeto de pesquisa, tinha como principal objetivo estudar sobre corpo e sexualidade de mulheres Lésbicas, Bissexuais e Transsexuais (LBTs) no meio rural, partindo da hipótese das opressões e repressões vivenciadas por essa categoria no Brasil (MACEDO, 2019); (MOTT, 1994). Mas, ao aprofundar o estudo do tema e do trabalho de campo realizado, fui percebendo que, para além da diversidade sexual, a sexualidade de meninas rurais, de um modo geral, era pouco abordada. Também pela compreensão de que gênero e geração são determinantes no modelo de família no meio rural, prevalecendo a hierarquia paterna (MMTR-NE, 2018)

As leituras me trouxeram recordações de algumas vivências do meu cotidiano na comunidade Lagoa do Almeida, onde permaneci até 2018, quando tinha 26 anos. Sou a décima filha entre 14 irmãs/irmãos, somos oito mulheres e seis homens e trabalhávamos juntamente na roça, realizando praticamente os mesmos serviços, mas em casa só nós mulheres éramos encarregadas dos trabalhos domésticos, inclusive de servir a mesa para os homens.

Posso dizer que experimentei uma liberdade que minhas irmãs mais velhas não vivenciaram. Meu pai era muito rígido em relação ao controle das saídas com as mulheres, mesmo quando se tratava de viagens escolares, eram impedidas de ir. Para festas, só podiam ir, quando acompanhadas. O namoro era vigiado, a regra era não ficarem a sós, diferente dos meus irmãos, que não tinham qualquer restrição. Desde cedo perpetuavam-se o controle sobre a sexualidade, como uma forma de manter a honra. Nenhum pai na época queria ter uma filha “mal falada”. O resultado disso é que minhas três irmãs mais velhas se casaram com 15, 18 e 18 anos, acreditando que os casamentos lhe dariam a liberdade que buscavam. Com o tempo essas regras foram sendo flexibilizadas de modo que podíamos sair acompanhada de outras mulheres, sem a presença de um homem e também fazer viagens escolares sozinhas, mas sempre com a recomendação de mãe para ter “juízo” no sentido de não perder a virgindade.

A pesquisa contou com a colaboração de dez mulheres de seis comunidades rurais do município de São Bento do Una, região Agreste de Pernambuco. Embora o público alvo buscasse apenas jovens entre 15 e 29 anos, durante o encontro do grupo focal, abriu-se uma

exceção para uma mulher de 37 anos que veio se juntar ao grupo. Sua contribuição foi de grande relevância para a pesquisa, por apresentar relatos que como veremos, dialogam com a sua geração e as gerações mais jovens, evidenciando que pouco mudou na imposição das normas.

Este capítulo está dividido em quatro tópicos: no primeiro, apresento o tipo de estudo realizado, utilizando a metodologia qualitativa e as técnicas de coletas de dados, questionário, entrevista e grupo focal, apresentando o que foi proposto e o que deu certo em campo. No segundo tópico, *Trabalho de Campo*, relato minhas experiências de campo a partir de cada técnica utilizada e como cheguei até as colaboradoras. No tópico da *Análise de dados*, explico o caminho que me levou às categorias e subcategorias de análise. Por fim, no quarto tópico, apresento meu posicionamento ético frente à pesquisa e a garantia de anonimato das participantes.

3.1 Tipo de estudo

Para a realização deste trabalho foi utilizada a tipologia exploratória com abordagem qualitativa, tendo em vista que a pesquisa busca analisar relatos de vivências de mulheres camponesas, que nos conduziram às suas relações interpessoais, como com a família e a escola como espaços de conhecimento a respeito da sexualidade.

A pesquisa qualitativa, de acordo com Goldenberg (2007), tem origem nas ciências sociais quando os pesquisadores se recusam a considerar o método positivista como o único caminho na compreensão das realidades sociais, afirmando que era preciso uma metodologia própria que dessa conta das especificidades das subjetividades.

Para Martins (2004), a pesquisa qualitativa permite maior proximidade com a realidade do objeto de estudo, bem como, a flexibilidade para rearranjar-se sempre que necessário durante o trajeto. Como técnica de coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada e o grupo focal. Para conhecimento prévio das potenciais participantes da pesquisa, também foi elaborado um questionário online.

3.1.1 Questionário

A escolha por fazer esse levantamento prévio por meio do questionário se dá pelo fato de não ter sido encontrada nenhuma bibliografia que apresentasse dados sobre a população

LGBTQIA+ no município de São Bento do Una, uma vez que essa era uma das prioridades do meu projeto de pesquisa.

Desse modo, criei um questionário online utilizando a plataforma Google Forms. Iniciei a divulgação por meio do Instagram e grupos de WhatsApp de amigas(os) e pessoas próximas. Também busquei lideranças comunitárias do município, para que ajudassem na divulgação, na perspectiva de atingir uma diversidade maior de mulheres em relação ao gênero e sexualidade para, em seguida, realizar a entrevista. Outro motivo de pensar em utilizar o formulário considerava que seria uma forma mais sutil, que permitiria com que as respondentes se sentissem à vontade para falar sobre a orientação sexual, já que, em muitos casos, os pais ou comunidade não têm conhecimento da sexualidade de seus membros.

O questionário perguntava sobre cor/raça, comunidade onde residem, religião, identidade de gênero e orientação sexual. Todas se declararam cis gênero, duas se dizem bissexuais, nove heterossexuais e uma preferiu não informar. Nos resultados da pesquisa, apenas ponderei os dados das três jovens que deram continuidade com a entrevista, por considerar que as informações das demais não seriam relevantes para a análise proposta do estudo, já que são apenas perguntas introdutórias e que não revelam sobre suas vivências cotidianas e sobre como lidam com corpo e sexualidade. Nessa etapa, obtive doze respostas de jovens das comunidades: Armazém (01), Arrancação (01), Lagoa do Almeida (05), Riacho das Voltas (01), Barauna Quebrada (01), uma não informou e duas moravam na zona urbana.

Apesar de chegar a um número razoável de respondentes, e a maioria registra interesse em participar da pesquisa, ao entrar em contato com elas e explicar que a próxima fase seria uma entrevista, a maioria não deu retorno ou não quis dar continuidade, o que me levou a pensar em mudar de estratégia para conseguir chegar às jovens nas comunidades. Imaginei que talvez o questionário causasse um pouco de estranhamento nas jovens, afinal não parece algo comum perguntar sobre a sexualidade. Desse modo, optei por não apresentar de imediato o questionário, estabelecendo um primeiro o contato e explicando a seriedade da pesquisa.

3.1.2 Entrevistas

A entrevista como ferramenta de coleta de dados cumpre esse papel mais dialógico, de contato visual e pessoal, possibilitando uma maior proximidade entre pesquisadora e pesquisada. Optei pela modalidade semiestruturada, pois, de acordo com Minayo et al, (2020),

esse tipo de entrevista permite certa abertura a novas indagações que vão surgindo no decorrer da conversa, sem que se distancie dos objetivos que se busca alcançar.

Desse modo, considerei que a entrevista me permitiria um contato mais próximo com as colaboradoras, sem interferência ou olhares de pessoas externas, o que possibilitaria um diálogo mais fluido. No entanto, das quatro entrevistas realizadas, duas ocorreram pelo WhatsApp por mensagens de texto, o que querendo ou não atrapalhou um pouco, por não podermos observar as expressões e incômodos que venham a surgir com as perguntas. As entrevistadas eram três da comunidade Lagoa do Almeida e uma da comunidade Pimenta.

As questões versavam sobre a relação com os pais e como era tratado o tema sexo e sexualidade, se a religião que seguiam tinha alguma orientação de como deveria ser as relações afetivas e como viam as relações homoafetivas (seu ponto de vista e o de sua religião), como se sentiam em relação ao seu corpo e com quem costumavam se sentir mais à vontade para falar sobre sexo e sexualidade.

3.1.3 Grupo Focal

Uma segunda técnica utilizada na coleta de dados foi o grupo focal, Minayo (2020) considera a técnica importante por permitir que a interação entre os participantes seja pelo consenso ou pelas discordâncias relacionados a cada tema em questão. Percebi que essa interação permite mais empolgação das participantes para aprofundar nos questionamentos colocados, do que as próprias entrevistas. De acordo com Almeida (2016, p.43) o grupo focal,

Trata-se de uma técnica de pesquisa de caráter qualitativo que procura apreender concepções e percepções das pessoas sobre determinado assunto ou tema. Essas concepções e percepções são obtidas em interação discursiva com um grupo de pessoas desconhecidas, mas com perfil determinado e por um tempo preestabelecido, sob a moderação de um pesquisador.

Desse modo, minha escolha para utilizar a técnica do grupo focal se dá por querer buscar a compreensão dessas concepções e percepções a respeito dos temas a partir da interação entre as participantes, observando de que forma se aproximavam ou se distanciaram. Para Almeida (2016), a realização do grupo focal envolve a capacidade do moderador de compreender a expressão corporal e a externalização dos pensamentos dos participantes em cada tema

discutido, bem como proporcionar o envolvimento de todos os integrantes, buscando manter a centralidade do objeto de estudo.

Visando um tempo médio de 1h30min para realização do grupo focal, foi marcado para começar às 8h30min da manhã. Esse horário permitiria que as colaboradoras que viessem de mais distante chegassem com mais tranquilidade. No entanto, devido a atrasos de algumas, começamos pouco antes das 09h, tendo duração de 64 min.

A técnica permitiu maior aprofundamento dos questionamentos em relação às entrevistas, à medida que as perguntas eram colocadas. Por alguns segundos pairava o silêncio, até que alguém se dispunha a falar e trazer suas experiências. A partir disso, as demais iam se sentindo mais à vontade para falar, ou mesmo lembrando momentos que queriam compartilhar, gerando um diálogo espontâneo.

Quando propus o uso da técnica do grupo focal, tinha como objetivo que esse grupo fosse com as mesmas participantes das entrevistas individuais. Quando marquei o grupo focal, já havia realizado três entrevistas com moradoras da comunidade Lagoa do Almeida e as convidei para que participassem do grupo focal. No entanto, nenhuma delas conseguiu comparecer no dia marcado, duas delas porque estavam trabalhando e a outra relatou que não poderia comparecer por ter muitas atividades do curso acumuladas.

3.2 Trabalho de campo

Quando iniciei a divulgação do questionário, entrei em contato e o enviei para algumas jovens que residem na minha comunidade Lagoa do Almeida. Expliquei do que se tratava e, prontamente, três delas concordaram participar, sendo realizadas as entrevistas nos meses seguintes. Elas também me indicaram outros nomes, mas como já mencionado acima, nove dos doze contatos que enviaram resposta pelo questionário optaram por não prosseguir com a entrevista.

Tentei contato com algumas lideranças do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar-SINTRAF e coordenadores de grupos de jovens da igreja católica, tanto para divulgar o questionário quanto para chegar às comunidades, mas sem sucesso. Ambos não responderam mensagens ou ligações, também não consegui encontrá-los nas sedes.

Em janeiro de 2023, busquei a diretora de juventudes do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STR)², do município, para estabelecer contatos para participação da pesquisa, expliquei do que se tratava e os objetivos do estudo. Ela então propôs que realizássemos um encontro, pois isso facilitaria a aceitação das jovens. Como eu já havia previsto a utilização do método do grupo focal concordei com sua proposta e marcamos a data. Ela foi bem solícita e se prontificou a articular os contatos, bem como cedeu o espaço para que fosse realizado o encontro.

O grupo focal foi realizado na sede do STR, na Rua Liberato Siqueira, centro de São Bento do Una, no dia 20 de março de 2023. Participaram seis jovens, entre elas a diretora de juventudes do sindicato. As comunidades das participantes eram: Cantinho, que fica a 11 km da cidade; Caititu, localizada a 7 km; Tamanduá, a 20 km; Una do Simão, a 12 km e Vila Espírito Santo a 17 km. O deslocamento das participantes se deu por meio de moto, carro próprio e outras por meio dos carros de feira³.

No ambiente dispomos de cadeiras organizadas em círculo e uma mesa ao centro, onde foi posicionado o gravador, tendo em vista que facilitaria para melhor captação da voz de todas as participantes. Foi oferecido água e lanche para que se sentissem à vontade. No momento inicial me apresentei, relatei minha comunidade e meu vínculo com o curso de ciências sociais e expliquei do que se tratava a pesquisa e os objetivos do estudo. Repassei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, para que se sentissem mais seguras e pedi permissão para gravação. Em seguida fizemos uma breve apresentação (nome, idade, comunidade, religião caso seguissem), na busca de amenizar o clima de estranheza e promover um espaço acolhedor.

Após as apresentações busquei introduzir o tema, perguntando sobre o que entendiam em relação à sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual. Nesse momento desviaram o olhar e apenas duas delas colocaram seus posicionamentos. Percebi que as questões pareciam um pouco intimidadoras, talvez por não ter conhecimento sobre o tema ou por medo de falar, de modo que optei por não aprofundar a discussão e seguir o roteiro.

O roteiro teve enfoque em seis questões pré-estabelecidas, de um modo geral, perguntava sobre como era tratada em suas casas o tema sexo e sexualidade, se por princípios religiosos já haviam deixado de vivenciar algo em sua intimidade, qual era o seu

² Sindicato trabalhista fundado em 03/12/1963, tendo como objetivo lutar e reivindicar por direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e conscientizar sobre os deveres. Atua por meio de associações comunitárias e associados individuais. https://www.facebook.com/strsbu/?locale=pt_BR

³ Nome usado pelos populares para se referir os carros que fazem linha diariamente dos sítios para cidade, geralmente F4000, ônibus ou van.

posicionamento e o de sua igreja em relação às relações homoafetivas e como era a sua relação com seu corpo. Os temas corpo e sexualidade foram os que tiveram mais relatos de experiências trazidos pelas participantes.

A cada pergunta, eu dava o espaço para que se sentissem à vontade para começar a falar, com isso fui percebendo que eram sempre as mesmas que começavam a falar e outras não tinham tanto entrosamento para expressar-se em grupo, o que fazia com que sempre trouxessem respostas mais tímidas ou mesmo apenas concordando com as que iniciavam a fala. Então fui tentando dirigir a pergunta primeiramente a elas, mas pela expressão, me pareceu que sentiam-se pressionadas e ainda mais tímidas. Para não se tornar constrangedor, direcionava-me às demais. As que demonstraram mais tímidas eram mais jovens de 16, 18 e 19 anos, as demais tinham 26, 26 e 37. Mesmo as que falavam mais, deixavam o espaço para que todas compartilhassem seus posicionamentos, com isso não tive necessidade de cortar falas.

Durante a discussão percebi que a pergunta sobre como elas veem as relações homoafetivas causou um pouco de desconforto inicialmente. Isso foi possível perceber, devido à expressão de que pareciam não ter entendido então a refiz mais cuidadosamente a pergunta e, depois de um pouco de silêncio, elas expuseram suas opiniões.

Embora tivesse como proposta, após o grupo focal, realizar entrevistas individuais com as participantes, ao final me senti contemplada com a discussão para os meus objetivos propostos e desconsiderei as entrevistas com esse grupo. Desse modo, todas as entrevistas realizadas foram com jovens que não participaram do grupo focal.

Foram realizadas quatro entrevistas, destas, duas foram efetivadas via WhatsApp, uma por motivo de desencontros e outra por se tratar de uma jovem bissexual, em que os pais não têm conhecimento de sua sexualidade. Logo de início, ela solicitou para que fosse realizada por meio de mensagens via *WhatsApp*, pois não poderia me receber em casa para essa conversa e não poderia sair porque trabalha na propriedade. Dadas às circunstâncias, como solicitado, realizamos via *WhatsApp*.

De acordo com Lima et al. (2022) o *WhastApp* é uma plataforma acessível e permite uma comunicação simultânea, desse modo, mesmo não sendo a técnica que havia planejado, me possibilitou a realização da entrevista, que ocorreu pela troca de mensagens de texto. As desvantagens dessa técnica se dá por não possibilitar a visualização das expressões corporais das entrevistadas, algo que senti que não fez fluir muito o diálogo.

A primeira entrevistada via *WhastApp* falou pouco de suas experiências, talvez por ser tímida, como ela mesmo colocou, ou talvez a técnica não tenha contribuído para um melhor

aprofundamento das questões. Já a segunda foi mais proveitosa, mesmo por mensagem de texto ela me parecia mais confortável para falar, me questionava quando tinha dúvida em alguma pergunta e trouxe com maior profundidade seus relatos.

Sobre as entrevistas presenciais, uma ocorreu com uma jovem da comunidade Lagoa do Almeida em fevereiro do corrente ano. Já tinha o contato dela, então a contatei e marcamos a entrevista, então na data combinada fui até sua casa onde mora com seu esposo. Pouco antes de iniciarmos ela parecia empolgada, demonstrando interesse e curiosidade para sua participação, como já tínhamos proximidade, minha presença não trouxe incômodos para ela. Expliquei de forma mais detalhada sobre os objetivos da pesquisa, apresentei o TCLE e pedi permissão para gravação. Ela me convidou para sentar-se no sofá da sala, se posicionando de frente uma para a outra, o gravador foi posicionado entre nós.

Quando então íamos iniciar o seu marido chegou em casa e de imediato percebi sua inquietação, como se não se sentisse à vontade para falar com ele presente, ela então pediu para que aguardasse em um outro cômodo, e então prosseguimos. De todo modo, a presença dele pareceu interferir um pouco, ela se demonstrou mais tímida e falava muito baixo, por sorte o microfone estava bem próximo. Apesar dos detalhes tudo ocorreu bem, e ela pôde compartilhar suas experiências.

A segunda entrevista presencial ocorreu em março, com uma jovem da comunidade Pimenta, consegui seu contato por meio do STR. Ela havia sido convidada para participar do grupo focal, mas não pode comparecer no dia marcado, então entrei em contato primeiro para saber o porquê não compareceu logo ela relatou que sua irmã que cuidava da sua filha estava estudando no horário e não tinha com quem deixá-la. Dito isto, perguntei se lhe interessava, se tinha disponibilidade para em outro momento participar da pesquisa por meio de uma entrevista, ela então aceitou colaborar.

Perguntei informações sobre como chegar à sua casa, mas ela falou que estava indo para a cidade na quarta-feira à tarde, e que podíamos fazer lá. Então concordei e marcamos. Diante disso eu tinha um problema, pensei em solicitar mais uma vez ao STR um espaço para realizar, mas no horário da tarde estaria fechada, outra opção seria a biblioteca pública. Quando procurei me informar sobre o espaço da biblioteca, não estava mais funcionando.

Então conversei com ela e combinamos de nos encontrar no centro e de lá ir a uma lanchonete ou sorveteria que fosse menos movimentada. No dia combinado ela chegou de carro com seu marido e o filho de colo, conversamos e decidimos ficar ali mesmo na praça, pois o

barulho não ia incomodar, então procuramos o melhor lugar para nos acomodar, sentamo-nos em um banco, uma ao lado da outra, me posicionei para observar suas expressões e movimentos.

Antes de iniciarmos seu marido saiu, e ficamos apenas nós três. Então me apresentei mais uma vez e como nas demais, apresentei o TCLE, os objetivos da pesquisa e pedi sua permissão para gravar, posicionando o gravador mais próximo de cada uma, a partir das falas para que o vento não atrapalhasse a captação do som. Ela falou tranquilamente sobre as perguntas, somente quando perguntei se era conversando sobre sexualidade em sua casa ou com os pais, ela demonstrou espanto, como se fosse um tema que não deve ser discutido e de fato ela relatou que, em seu ambiente familiar, é algo que não deve ser abordado.

Dentre as técnicas utilizadas, o grupo focal apresentou mais rendimento uma vez que a fala de uma interlocutora influenciava as demais a se colocarem e trazer suas experiências sem que se sentissem constrangidas. Entre as entrevistas, sem dúvida a realização por meio do WhastApp, mesmo sendo relevante em casos que o presencial nos impede, nos deixa a desejar em relação a ter o contato direto com quem está do outro lado e poder observar suas expressões e quando precisamos mudar a dinâmica.

3.3 Análises dos dados

A partir dos dados obtidos, observei cada entrevista e o grupo focal, separando os temas mais relevantes de acordo com a intensidade e envolvimento das colaboradoras em cada questão. Em ambas as técnicas, as temáticas corpo e sexualidade provocaram mais inquietações, levando-as a relatar experiências vivenciadas, sobre a forma como lidam com seu corpo diante das imposições e como a questão da sexualidade é pouco abordada pelos pais. Dessa forma, a análise foi dividida em duas categorias: corpo e sexualidade.

A análise dos dados segue o pensamento de Minayo (2020) sobre a finalidade da interpretação na pesquisa qualitativa, para ela “ao analisarmos e interpretarmos informações geradas por uma pesquisa qualitativa devemos caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no que se diferencia dentro de um mesmo meio social”. Desse modo, foram analisados os pontos em comum de nossas interlocutoras, que foi a relação com corpo e sexualidade, dando prioridade às especificidades, a forma como cada uma sente em seu corpo e sexualidade. Dentro da temática sobre o corpo, a maioria relatou se sentir desconfortável com alguma parte do seu

corpo, seja por ser muito magra ou sentir-se gorda, ter os seios caídos, muitas espinhas, pelo jeito de vestir-se ou por ter o cabelo cacheado.

Foi possível observar a partir de alguns apontamentos trazidos pelas interlocutoras, relacionados ao tema da sexualidade que a educação ligada à moral cristã tem influência na forma como vivenciam a sexualidade. Nesse ponto, também foi abordado o papel da escola como mecanismo de instrução das relações sexuais e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Dessa forma foi trabalhada como subcategoria a influência da moral cristã como precursora dos padrões patriarcais, a educação sexual nas escolas, e padrões de beleza como imposições culturais.

3.4 Posicionamento ético

A pesquisa foi realizada mediante concordância, registrada no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde as participantes tiveram ciência dos objetivos da pesquisa, bem como, dos riscos provenientes dos vazamentos dos dados, em caso de roubo ou perda dos aparelhos utilizados para registro deste estudo.

Contudo foi assegurado o anonimato, firmando o compromisso de não divulgar os nomes das participantes durante ou após a pesquisa. Para manter essa definição, nos resultados da pesquisa as jovens são apresentadas pelos seus codinomes. Em casos mais comprometedores, em respeito ao sigilo sobre a sexualidade, não foi divulgada a comunidade da participante em questão, para melhor resguardar sua integridade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente capítulo discorre sobre a análise dos dados obtidos em campo, traçando um diálogo de como as mulheres sentem seus corpos e sexualidade nas suas relações pessoais e familiar. A pesquisa ouviu com dez jovens de sete comunidades rurais do município, Lagoa do Almeida, Caititú, Tamanduá, Espírito Santo, Pimenta, Una do Simão, Cantinho.

Mapa 2 – Comunidades rurais do município de São Bento do Una



Fonte:

Entre as interlocutoras, seis se declaram católicas, e as outras duas se apresentam como cristãs, mas que não seguem nenhuma religião, e uma é Testemunha de Jeová. Das seis comunidades pesquisadas, quatro têm capelas da igreja católica (Tamanduá, Pimenta, Espírito Santo, Una do Simão). Em Lagoa do Almeida, com a capela em construção, as missas são realizadas em um salão comunitário. Além da igreja católica, na Una do Simão tem um Salão das Testemunhas de Jeová.

As escolas rurais oferecem o ensino apenas até o nono ano, o ensino médio é oferecido apenas na cidade, os estudantes se deslocam de suas comunidades todos os dias para dar continuidade aos estudos. Entre as participantes, duas estão cursando o ensino médio, duas fazem curso técnico e uma faz graduação.

Essa pesquisa parte da inquietação que sempre tive, ao perceber as desigualdades na forma de tratamento entre homens e mulheres na minha vivência familiar, na comunidade rural Lagoa do Almeida, município de São Bento do Una. Mesmo todos trabalhando igualmente na roça, os trabalhos domésticos recaiam sobre nós mulheres, além disso, os homens sempre tinham mais liberdade de sair para jogos, festas e, como eram homens, sempre recebiam uma “quantia” em dinheiro aos fins de semana, enquanto nós mulheres sempre éramos restringidas,

só saíamos quando alguém responsável (mãe, pai, irmão, tia) nos acompanhava. Outro aspecto era a exigência de que, para ser bonita e atraente, a mulher tinha sempre que se vestir bem, roupas decotadas, mas não muito para não parecer *puta*, estar maquiada, mas sem exageros, batom vermelho nem pensar. Também escutei, ao longo de minha vida, diversos relatos de mulheres próximas, irmãs, primas, amigas, cunhadas, de insatisfação com seus corpos, sempre recorrendo a dietas para emagrecimento, ou o oposto, sendo chamadas de “vara pau”, por ser muito magras e altas “Olívia palito”, etc.

Em 2015 passei a ser militante na Pastoral da Juventude Rural e muitas das minhas inquietações eram também vivenciadas pelas companheiras do movimento. Logo mais, passei a compor os coletivos de mulheres da CLOC⁴ e La Via Campesina⁵, onde fiquei até 2022. A partir de longas rodas de conversas e partilhas de vida, pude constatar que a violência de gênero no meio rural é uma realidade da América Latina, independente de crença, religião ou etnia, os relatos pouco se diferenciam e apontam sempre à inferiorização e opressão das mulheres na sociedade.

A análise dos dados está dividida em duas seções: no primeiro tópico, intitulado “*sexo, sexualidade e espaços de sociabilidade*”, é abordado o tabu relacionado ao diálogo entre as jovens e seus pais, sobre o tema sexo e sexualidade ainda visto como algo que não deve ser mencionado, trazendo uma leitura sobre os princípios cristãos que fundaram a família patriarcal brasileira, e resguardos, até os dias atuais, muitos dos costumes de sua gênese. Na segunda seção, “*A padronização dos corpos*”, retrata como as jovens lidam com seu corpo diante dos padrões socialmente impostos e culturalmente construídos na sociedade, levando a casos de insatisfação com seus corpos e baixa autoestima. Algumas das interlocutoras apresentam relatos de bullying e racismo sofridos na escola rural e urbana. A opressão acontece também no âmbito familiar.

4.1 Sexo, sexualidade e espaços de sociabilidade

Percebo a família como um locus para entender as relações interpessoais das jovens camponesas, visto que é o primeiro espaço de sociabilidade, e onde se perpetram os primeiros ensinamentos que vêm a contribuir direta ou indiretamente na formação das identidades

⁴ Coordenadora Latino Americana de Organizações do Campo, composto por mais de 80 movimentos e organizações de camponeses da América Latina e Caribe. Disponível <<https://cloc-viacampesina.net/>>/

⁵ Organização Internacional de camponeses integrada por 182 movimentos e organizações de camponeses, da Europa, América, África e Ásia.

individuais. Entendendo que “a família, em composição e comportamento, varia segundo determinantes sociais, econômicos, políticos, religiosos ou ideológicos. E, ainda, modifica-se em função da localização territorial do grupo social em que se insere e da época histórica considerada” (SILVEIRA, 2000, p.59), é preciso tomar conhecimento de como estão organizadas as famílias camponesas do campo de estudo.

De acordo com a fala das participantes da pesquisa, ao relatarem sobre a relação com os pais, afirmam que há um silêncio quando relacionado ao tema sexualidade. Pude constatar que as famílias rurais ainda apresentam muitos costumes da família patriarcal rural instituída pós-colonização portuguesa. Na sua égide todos os membros da fazenda, desde escravos a filhos estavam subordinados ao poder do *pater*, onde tudo era feito conforme suas vontades (HOLANDA, 1995). A família é então estruturada seguindo os princípios normativos do direito Canônico⁶ e Romano⁷, sendo o casamento visto como a base única da origem da família e regulado pela igreja católica (NORONHA e PARRON, 2012). Guiados pela moral cristã, a sexualidade foi sendo colocada como algo pervertido, sua prática deveria ser restrita ao matrimônio e a reprodução.

No município de São Bento do Una o catolicismo é predominante: 89,9% dos munícipes são declarados católicos. Nas comunidades rurais é comum ter pequenas igrejas ou salões onde são realizadas missas mensais, sendo um dos principais pontos de encontro da comunidade em geral. Para entender a estrutura familiar nessas comunidades rurais atualmente, perguntei às jovens sobre sua relação com os pais e como é abordado o tema sexo e sexualidade em suas casas. A partir disso, foi possível constatar que ainda se trata de um tema tabu entre as famílias. As dez participantes, responderam de forma unânime que em nenhum momento o assunto é ou foi conversado, salvo um relato em que a entrevistada foi orientada ao uso de anticoncepcionais, quando ia sair de casa para viver com o noivo.

Uma das jovens considera que falar de sexo e sexualidade com os pais é algo absurdo que não deve ser conversado. Ela também relatou sobre o sexo antes do casamento, que para sua família é um ato errado, tendo como consequência o dever de casar-se com quem se “perdeu”⁸. Em suas palavras:

⁶ Conjunto de leis que regem a estrutura institucional da Igreja Católica Apostólica Romana, determinando o comportamento moral. Disponível <<https://pisdc.or.br>>

⁷ Termo Histórico-jurídico referente ao conjunto de regras aplicadas por mais de mil anos, na cidade de Roma, no Império Romano ocidental e Oriental. O primeiro texto desse sistema jurídico está escrito na Lei das Doze Tábuas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Direito_romano>

⁸ Expressão popular para descrever a perda da virgindade das mulheres.

Deus me livre, mãe não era esse tipo de pessoa assim não, falava não de jeito nenhum.

Até quando casei, minha mãe disse, se se “perdeu” pode ir embora, se já fez alguma coisa com ele pode ir embora. Aí fui embora né, foi o jeito. (Fátima, entrevista, 22 de março de 2023)

Fátima, 19 anos, casada, mora na comunidade Pimenta tem doze irmãos, mãe de dois filhos, está cursando o ensino médio. Sua colocação remete a ideia de que falar de sexo ou sexualidade é algo impróprio, principalmente por se tratar de mulher. De acordo com Izquierdo, et al (2019) em comunidades rurais católicas às mulheres são ensinadas desde cedo a reprimir seus desejos e manterem-se castas, sendo um reflexo da imagem da Virgem Maria, imprimindo na moça a perda da virgindade como um ato transgressor. Para amenizar sua culpa deve casar-se com quem se “perdeu”. Portanto, o cristianismo manteria, através da moralidade, um sistema simbólico de indução à castidade e preservação do que considera pecado. No caso de Fátima, a moral religiosa não a impediu do ato sexual antes do casamento, mas foi imposta ao matrimônio por obrigação de uma norma cristã.

Para Santos (2003), a repressão da sexualidade é uma construção histórica e cultural direcionada pela moral católica, a princípio pelos jesuítas, vendo como algo impróprio os corpos nus dos indígenas e que poderiam provocar excitação aos católicos, o vestiram, catequizaram e induziram ao casamento monogâmico. Por meio do Santo Ofício da Inquisição⁹, puniam os desvirtuosos que praticavam atos sexuais sem a intenção de procriação. No século XX a educação, ainda sob influência da igreja, orientava a não ser tratado o tema da sexualidade, para que se evitasse o desejo pecaminoso nas jovens. É possível perceber que essa influência da moral cristã tem reflexos nos dias atuais no silêncio apontado pelas jovens, diante da falta de diálogos entre os pais, quando se trata da sexualidade.

De um modo geral, as jovens não citam a religião como empecilho às suas vontades, o que demonstrou pouca influência direta do catolicismo em seu discurso. No entanto, suas falas dão indícios de que foram educadas nos conformes da família tradicional, seguindo normas e costumes do cristianismo, mantendo na relação familiar o tabu sobre sexo e sexualidade. Para as participantes do grupo focal a falta de diálogos entre pais foi apontada como algo natural, uma vez que eles também não tiveram essa conversa com os seus genitores, sendo a falta de diálogos sobre a sexualidade um costume passado de gerações.

⁹ O Santo Ofício da Inquisição foi criado na Idade Média pela Igreja Católica com objetivo de punir os pecadores que insistissem na heresia. (PINHEIRO, 2019). Disponível em <<https://repositorio.ufu.br/bitstream.pdf>>

Esses costumes têm resquícios de uma educação guiada pelo cristianismo dos séculos passados. De acordo com Santos (2003, p.59), por volta dos 1930, “as alunas das escolas religiosas eram educadas a nunca se apresentar despidas diante das colegas, embora dormissem em quartos comuns”. Dessa forma, as mulheres são ensinadas historicamente a ter vergonha do corpo despido, de seus órgãos genitais e até mesmo de tocar qualquer assunto referente à sexualidade, sob risco de serem vistas como depravadas.

É possível que essa relação familiar perpetue mesmo que de forma mais tímida nos dias atuais, bloqueando diálogos mais abertos entre pais e filhas (os). Iara, uma de nossas interlocutoras é casada, tem 26 anos e mora atualmente na vila Espírito Santo, distrito do município. Anteriormente, morava na comunidade quilombola Serrote do Gado Bravo, pertencente ao mesmo município. Ela relata: “A geração dos pais da gente talvez não tenha tido essa conversa das gerações dos nossos avôs e, às vezes, eles não tentam mudar, e às vezes pra eles é um bicho de sete cabeças”. (Iara, Grupo Focal, 20 de março de 2023).

A falta do diálogo não se trata apenas de sexo e sexualidade, mas afeta também a relação delas com as mudanças corporais iniciadas na puberdade. Para Gonçalves, et. al, (2013), a fase da adolescência/juventude seria um estado de liminaridade, onde perde-se o corpo infantil e será ganho um corpo adulto. De acordo com Tuner (1957), liminaridade é um estágio intermediário onde os sujeitos são indeterminados, sem status cultural definido. Nesse processo, muitas meninas se veem perdidas sem entender as mudanças que ocorrem em seu corpo. Este foi o caso de Keila, participante do grupo focal. Ela diz que, em sua primeira menstruação, ficou perdida sem saber o que acontecia, porque não teve orientações de sua mãe. Cabe considerar que Keila é de uma geração onde os recursos da internet eram inacessíveis na sua adolescência, à mesma tem 37 anos, é casada e mãe de um garoto, mora na comunidade Una do Simão. Além do trabalho na agricultura, faz bolos e doces para festa. Ela alega que lidar com a menstruação hoje não é tanto um problema, uma vez que as informações circulam mais livremente mesmo nas áreas rurais, e qualquer pessoa pode ter acesso à internet e se informar coisas que na sua época não era possível. Relata que só conseguiu entender o que acontecia com seu corpo através de outras amigas que já as haviam vivenciado e também quando o assunto foi abordado na escola da zona urbana.

A ausência de acolhimento em casa, nesse meio tempo em que as jovens passam pela transição da infância a vida adulta, como a mudança corporal, a identificação dos desejos sexuais sejam eles hetero ou homoafetivo e o acolhimento em outros grupos que dividem as mesmas inquietações, são características dessa fase liminar. O exemplo da jovem Camila, 22 anos, solteira, bissexual. Ela diz que não se sente confortável em conversar com seus pais sobre sexualidade e considera que seja melhor assim, por ser tímida. Além disso, conta que os pais

são extremamente homofóbicos. Dessa forma sente-se mais segura para falar com amigas quando se trata desse tema, (entrevista, 07 de novembro de 2022). Ademais, todas as participantes relatam que onde mais aprendem sobre o assunto é na escola urbana, nas suas vivências e nas conversas entre amigas.

Uma das inquietações relatadas por nossas interlocutoras tem a ver com o acesso de seus filhos a informações sobre sexo vindas da internet e a sua associação com a indústria pornográfica, entendida como por elas como errada e não educativa. Keila é mãe de um garoto e relata sua preocupação em deixar que seu filho busque informações por conta própria, diz: “o mundo está evoluindo, bem mais cedo do que a gente imagina já estão tendo acesso a esse assunto” (Keila, grupo focal, 20 de março de 2022). As demais participantes do grupo focal relatam a mesma preocupação. Uma vez que não se tem esse conhecimento de casa eles vão aprender fora com amigos ou internet e, muitas vezes, de uma forma errada. Dessa forma, ponderam a necessidade dessa orientação vinda de casa para que as jovens possam estar conscientes dos riscos, e saber se prevenir de gravidez indesejada e Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Também trazem para discussão a violência sexual, relatam que é preciso ter o entendimento que há conversas, jeitos e toques que se enquadram como violência sexual e que a violência talvez fosse menor se esse assunto fosse mais aberto.

Acho que se tivesse mais essa conversa talvez a violência fosse menos, porque pessoas jovens, crianças, eles iam entender o que é violência e o que não é, se essa conversa entre pais fosse mais aberta, não é incentivar essa criança a fazer o ato de sexo, mas na verdade explicar para ela o que se deve fazer o que não se deve e o que é assédio. (Isaura, grupo focal, 20 de março de 2023)

A fala das interlocutoras remete ao ideal de como acreditam que esse assunto deveria ser tratado no íntimo das relações familiares. No entanto, apenas Keila fala sobre a pretensão de conversar com seu filho a respeito da sexualidade. A princípio, ela diz esperar que o marido, pai do garoto, tome a iniciativa da conversa. Por ser homem, talvez saberia explicar melhor o assunto para ele, mas que não havendo a conversa de pai e filho, ela como mãe daria as orientações necessárias, para ele não aprender só no “mundo”¹⁰

A preocupação das participantes com a violência sexual é retrato de uma realidade dura para meninas e mulheres. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), a cada 10 minutos uma menina ou mulher é estuprada no país. O número pode ser bem maior se considerarmos os casos não notificados, 76,5% desses crimes acontecem dentro de casa ou por

¹⁰ Expressão usada para indicar qualquer coisa fora de casa.

familiares próximos. Os dados nos mostram que apesar de considerar importante a educação familiar para o conhecimento de si, é algo que não pode ficar só na esfera privada.

As dez participantes indicam a instituição escolar como o espaço onde tomam conhecimento sobre sexo, sendo assim a principal formadora do tema em discussão o espaço onde tomam conhecimento sobre sexo. No entanto, de acordo com as mesmas, esse tema está voltado à reprodução, prevenção e informação sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). O campo da diversidade sexual e de gênero fica de fora das discussões. Para Macedo (2019), a escola não dispõe de profissionais qualificados para abordar sobre a sexualidade ou, quando falam, não abrangem as diversidades e muitas vezes terminam reproduzindo os padrões culturais impostos.

De acordo com Oliveira e Batalha (2017), o debate sobre a educação sexual nas escolas ganhou destaque na última década, quando em 2014 o Plano Nacional de Educação (PNE) propôs a inclusão das discussões sobre a igualdade de gênero nas escolas, inflando os tradicionais conservadores que passaram a acusar as escolas de promover a “ideologia de gênero”. Na lógica dos conservadores a escola iria ensinar as crianças a ser gay, como se gênero e sexualidade fosse uma escolha. Para as autoras, no entanto, a lógica de espalhar o medo do que eles fizeram acreditar ser a destruição da família, na verdade faz parte da tentativa de manutenção da ordem dominante vigente, o modelo normativo patriarcal. Para Macedo (2019), os conservadores não veem a diversidade como algo natural, pois para eles só existe o homem e a mulher hetero e cisgênero. Quando há a quebra desse binarismo, a moral cristã conservadora se sente ameaçada, por perder o domínio sobre os corpos, principalmente sobre corpos femininos. Isso explicaria o medo da bancada evangélica de uma educação sexual que trate as diversidades e a igualdade de gêneros.

Essa lógica binária é reproduzida pelas participantes do grupo focal. A homossexualidade foi considerada pelas interlocutoras como uma escolha, elas dizem respeitar a “opinião” dos outros, mas que seguindo os princípios bíblicos consideram algo errado. “Na bíblia Deus deixou homem e mulher” quando Deus criou o mundo ele criou homem e a mulher que é para gente prosperar, fazer gerações” (Iara, grupo focal, 20 de março de 2023). “Deus não deixou homem com homem, mulher com mulher, Deus deixou homem e mulher” (Keila, grupo focal, 20 de março de 2023).

Rubin (2012) considera a sexualidade uma construção cultural, resultado da ação humana fomentada por conflitos e interesses políticos. O cristianismo como vimos até aqui, há séculos influência nesse ideal de sexualidade dicotômica voltado à reprodução, impondo a heterossexualidade como única aceitável. De acordo com Butler (2019), essa construção é

anterior ao nascimento, assim que se sabe o sexo biológico do bebê é impresso nele aquilo que se espera, de acordo com a cultura dominante.

Keila representa muito bem isso, ela fala que, quando estava grávida, já foi orientada a observar os gostos do filho, se ia gostar de brinquedos de meninas para logo ensinar que não pode que ele deve brincar com brinquedos de menino. Ela também relata:

A gente tem que ter muito cuidado na questão da gente ter filho né, hoje à gente tá vivendo muito isso normal. Amizade muito íntima pode ser que vai desenvolvendo um sentimento mais íntimo, às vezes a pessoa nem tem a tendência de ser, mas a gente vê que hoje as coisas estão fáceis, que as meninas, os meninos, não sabem diferenciar um sentimento do outro, então acho que precisa muito de conversa.

Diferente das participantes do grupo focal, as entrevistadas relatam não ver problema nas relações homossexuais, para elas é algo normal e é a vida de cada um não cabe opinar. Entre elas, duas são bissexuais, relatam que entender sua sexualidade não foi um problema e vivem bem com isso. No entanto, não vivem abertamente sua sexualidade por considerar que os pais não aceitariam que elas se relacionassem com outras mulheres.

4.2 A Padronização dos Corpos

A opressão feminina é de longas datas tema recorrente de teóricas feministas que dedicam suas vidas a entender as desigualdades entre os gêneros (SCOTT, 1989; BUTLER, 2019). No entanto, mesmo apontando problemas reais da sociedade, romper a cultura patriarcal não é tarefa fácil, uma vez que a reprodução de padrões culturais é repassada por gerações, na forma como são educados, a depender do gênero. Além disso, outros sistemas fortalecem e garantem a manutenção do patriarcado. Cito aqui a religião, pelo fato da construção teológica do lugar do feminino e do masculino (LEMOS, 2013), e o sistema capitalista, que com base nos seus interesses, ao longo da história vai estabelecendo através da mídia um padrão corporal feminino (BORIS, CESÍDIO, 2007) enraizando assim, as opressões patriarcais. Diante disso, poderemos ver de que forma esse modelo cultural vai moldado e interferindo nas vivências de mulheres camponesas participantes da pesquisa, como se sentem consigo mesmas e como reagem aos padrões impostos.

Algo que ficou claro entre a maioria das participantes da pesquisa, é a relação de insegurança com seu corpo devido a constantes opiniões externas. Em seus depoimentos,

mesmo expressando sentir-se bem consigo mesmas, relatam que ficam mal quando outras pessoas comentam sobre seu corpo ou aparência.

Para entendermos a influência dos padrões de beleza sobre os corpos femininos, partimos das bases das relações de gênero de uma estrutura patriarcal, onde antes mesmo do nascimento são predeterminados à idealização dos papéis e comportamento feminino, ligados a docilidade e ao doméstico (BUTLER, 2019). Isso explicaria a subordinação das mulheres mesmo em espaços geográficos distintos e culturalmente diversos no espaço/tempo.

Se, por um lado, o movimento feminista avança na luta pela liberação dos corpos e direitos iguais, por outro ainda se perpetua a publicidade e indústrias ligadas à estética feminina, apesar das crescentes propagandas para mulheres negras e plus size, o ideal de beleza ligada a um corpo magro e jovem é ainda dominante. No Brasil por volta da década de 1970, esse ideal passa a ser perpetrado muito intensamente por meio da televisão, através de propagandas comerciais e telenovelas, onde a protagonista é sempre a mulher de pele clara, bem arrumada, cabelo liso, corpo magro com curvas, e com o ideal de estar bela para o olhar masculino (DIMAMBRO, 2019).

Para Baltazar (2004) é possível que a influência televisiva possa alterar costumes e comportamentos tradicionais. Dessa forma, à medida que os meios de comunicação se interiorizam nos lares rurais, esse padrão passa a ser idealizado pelas mulheres, modificando o comportamento tradicional na busca por se encaixar ao parâmetro das modelos e atrizes algumas autoras abordam as consequências do estabelecimento desse padrão. De acordo com Dinambro (2019), as mulheres que não busquem seguir esse modelo, passam a ser vistas como feias e desleixadas. Isso é respaldado por De Souza e Silva, et. al (2018, p. 3), que afirmam que:

O corpo magro, que no passado já simbolizou fraqueza e escassez de alimentos, passa a ser valorizado como modelo dominante e, nos dias atuais, é visto como algo que deve ser buscado por todos independentes da classe, etnia, gênero ou geração, para satisfazer o que não é próprio de sua natureza, mas pelo com é cobrado para que ocorra a sua inclusão na sociedade.

Com isso, a sociedade passa a impor esse ideal e cobrar daquelas que não se encaixam, criando no imaginário das mulheres a insatisfação com seus corpos. Assim, mesmo afirmando estarem bem consigo mesmas, vão internalizando os discursos de pessoas próximas, ao ponto de sentirem-se mal. Esse foi o caso de Livia, 19 anos, casada, mora na comunidade Lagoa do Almeida. Ela diz gostar do seu corpo, mas quando sua mãe comenta que ela está gorda ou que a roupa não combina, diz sentir-se mal: “Eu não odeio meu corpo, eu gosto! Só que ai quando

o povo começa falar que eu tô gorda e que não pode usar uma roupa, ai eu fico mal”. (Lívia, entrevista, janeiro de 2023).

A jovem Isaura, 26 anos, solteira, agricultora, presta serviço ao STR, reside no sítio Tamanduá. Ela relata que na escola rural onde cursou o ensino fundamental, recebia constantes comentários por ter o corpo muito magro, sempre chamada de Olívia Palito, mas que a princípio levava na brincadeira.

Eu, quando mais adolescente, posso dizer que sofria bullying. É aquela questão eu sempre fui magrinha, na escola era aquele velho ditado, era a Olívia palito, só que nunca me importei muito com isso, até hoje as pessoas falam ah tu tá muito magra. (Isaura, grupo focal, 20 de março de 2023).

É evidente a opressão sofrida por essas jovens para manter um padrão corporal, que não seja gordo, nem magro demais, e por mais que se sintam bem com seus corpos e estando cientes de que essas normas são impostas, não deixam de ser afetadas pelos comentários sobre sua aparência. Na sequência de sua fala, Isaura que em primeiro momento diz não ser afetada pelas opiniões de outros, relata:

Então eu estando bem comigo mesmo eu deixo minha mente fechada para que as pessoas não possam me afetar, porque eu sei o quanto é difícil você chegar para uma pessoa e dizer fulano tu tá muito magro, eu não gosto disso. Então são pessoas que te deixam pra baixo. (Isaura, grupo focal, 20 de março de 2023)

Criam-se assim gerações de meninas dependentes emocionalmente do mito da beleza, não para satisfazer as opiniões alheias, mas para evitar o constrangimento de sempre ouvir comentários maldosos sobre si, que querendo ou não afetam sua autoestima. Outras interlocutoras dizem ter ficado insatisfeitas devido às mudanças corporais pós-maternidade. Elas relatam:

Eu amamentei, tenho esse menino e o outro de dois anos aí eu fiquei insegura com meus peitos (...) me sinto mal. É o jeito de lidar com isso. Tem que lidar. Às vezes eu me importo pra mudar, algumas coisas. Até eu fico comentando com meu marido, se eu tivesse condição eu fazia cirurgia. (Fátima, entrevista, 22 de fevereiro de 2023)

Antigamente eu era bem resolvida na questão da autoestima, mas a gente sabe que o tempo vai passando e as mudanças vão chegando, quando eu não tinha filho, eu tinha um patamar, eu era magra daquele jeito que eu gostava. Depois que a gente tem filho, a gente sabe que o nosso corpo muda, a gente engorda,

não consegue emagrecer depois, então isso, me afetou muito na questão da baixa estima, eu não conseguia me enxergar, como uma pessoa assim que eu me gostasse. (Keila, grupo focal, 20 de fevereiro de 2023)

O corpo carrega marcas da nossa história, de acordo com Éstes (2018, p.203) “é um registro vivo de vida transmitida, de vida levada”. No entanto, a partir dos depoimentos notamos que esses processos de mudanças corpóreas mesmo ligadas a essa transmissão de vida, são dolorosas para as mulheres que se veem aprisionadas a um ideal de beleza, afetando sua autoestima e colocando-as em conflito consigo mesma, como visto na fala das participantes Fátima e Keila anteriormente.

Os padrões de beleza vão além do corpo, e definem também sua aparência, desde as roupas que usam à perfeição da pele. Mesmo que nos últimos tenha crescido a inclusão de diversidades de corpos nas propagandas, há um ideal ainda hegemônica passada por meio de modelos e atrizes comerciais de pele impecável, sem sardas, sem espinhas, sem rugas, criando assim a imagem de que esses elementos naturais do corpo humano são imperfeições que precisam ser corrigidas ou escondidas, num ideal de beleza inalcançável. Isso reflete de forma clara na fala de Isaura:

Eu sempre tive muita espinha no rosto e isso aí, logo eu mais nova, eu não saía de casa sem maquiagem, se eu saísse de casa e alguém visse uma espinha em mim pra mim era o fim do mundo. Depois eu mesmo coloquei na minha mente que eu tenho que me aceitar como eu sou. Então hoje saio de casa sem me arrumar sem nada, mas também gosto de me arrumar, se vou pra uma festa, vou maquiada, mas não para as pessoas, mas por mim. (Isaura, grupo focal, 20 de março de 2023)

Quando tomam consciência do poder de escolha abortam o pensamento que precisa estar dentro de um padrão ideal para satisfazer os anseios da sociedade e buscam estar bem consigo mesmas, a aceitação de si promove uma relação pessoal de bem-estar e autoconfiança. Embora não cite especificamente o que as leva a essa conscientização, Sardenberg (2018) ressalta o empoderamento feminino como um dos caminhos da libertação das opressões femininas, tomando o poder sobre si e suas escolhas.

Além do padrão corporal ligado à estética, as questões como raça, classe e território influenciam no modo como são vistas e tratadas em seus espaços de sociabilidade. Para Gomes (2019) a branquitude eleita como padrão de beleza, gera nos corpos pretos um sentimento de inferioridade expressado principalmente na cor da pele e no cabelo crespo, quanto mais características negroides mais estigmatizadas são os corpos negros. Em estudo realizado em

uma escola pública de Minas Gerais, Nascimento, et al, (2023), destaca que meninas negras são alvo constantes de piadas racistas e “brincadeiras” relacionadas ao seu cabelo, por parte de seus colegas brancos. Por causa disso, muitas vezes sentem-se desmotivadas a continuar o estudo e com baixa autoestima. Relatam que, mesmo levando muitas vezes na brincadeira, ao chegar a casa e se olhar no espelho tomam aquilo como verdade.

Este é também o caso de Vitória, jovem negra de família pobre, cinco irmãos, que tem na agricultura a principal base de subsistência. Quando questionada sobre a relação com seu corpo, em um primeiro momento ela diz que era boa, mas em seguida relata que, quando cursava o ensino médio, sofria bullying por parte de seus colegas pela forma com que se vestia e por ter o cabelo cacheado. Diz:

Na época do ensino médio eu sofria bullying e me achava feia, tinha autoestima baixa, me sentia inferior por não andar arrumada como as outras pessoas por falta de condições de trabalho, aí ficavam tirando onda das minhas roupas, do cabelo que é cacheado. Se eu contasse moeda também. Pensei em desistir do ensino médio no segundo ano sendo que era na escola técnica. Pensei em ir pra uma escola que tivesse só um turno. Foi um processo bem longo pra acabar com a insegurança e tudo mais. Pra entender que o outro não interfere na minha vida, nem no meu psicológico se eu não der importância, aquela pessoa e o que ela fez não vai significar nada, igual essa pessoa. (Vitória, entrevista realizada em 20 de novembro de 2022).

Além do racismo expresso pelo cabelo cacheado, outras formas de opressão podem ser percebidas na sua fala pela sua condição financeira e na forma como se veste. Vitimam seu corpo e sua aparência por não se encaixar aos padrões socialmente impostos naquele ambiente escolar. Vitória estudava na Escola Técnica Estadual Governador Eduardo Campos, situada no perímetro urbano de São Bento do Una. Na época oferecia o ensino médio técnico em agroecologia e redes de computadores em tempo integral. Ela cursava agroecologia e mesmo estando em um curso ligado ao campo não impediu que os seus colegas urbanos a vissem com olhar de menosprezo pela sua condição social, sendo colocada pelos colegas que residem na zona urbana em um lugar subalterno e inferiorizado. De acordo com sua perspectiva, os estudantes urbanos se achavam melhor do que os outros e a colocavam em situação constrangedora.

Nesse ponto adentramos numa outra questão, dos imaginários sobre a dicotomia urbano/rural. O imaginário do rural como um lugar atrasado, foi sendo estruturado no Brasil por volta dos anos 1930 permeados pelo plano de desenvolvimento urbano-industrial, (ALVES,

SILVEIRA, 2014). Esse imaginário é fortalecido pela literatura nas caricaturas do Chico Bento (SANTOS, ALMEIDA, 2019), do jeca tatu na representação do caipira (RIBEIRO, PEREIRA, 2015) e até mesmo nos livros didáticos. De acordo com Arboit e Pacheco (2013, p.146):

A ideologia e o poder podem ser identificados através das representações de imagens, nos textos nas atividades, na forma como é abordado o contraste entre campo e cidade. Neles são retratados, muitas vezes, a vida no campo como sendo sofrida, de trabalho árduo e cansativo, de baixa remuneração, mostrando já a cidade, como o lugar do desenvolvimento, onde possui um fluxo maior de pessoas, propício ao consumo e à rentabilidade.

Nesse sentido, suas relações interpessoais trazem um capítulo de sofrimento por não se enquadrar aos padrões culturais de cor e classe, sendo subjugada, levando um longo processo de adaptação e conscientização do seu eu, para fazer com que as opressões fossem caladas dentro de si. Além do apoio das amigas, ela relata ter passado por sessões de terapia, para conseguir superar o episódio traumático. Após terminar o ensino médio, Vitória voltou à mesma escola, onde agora faz o curso técnico em enfermagem e relata ter uma turma bem descontraída, ela também assumiu os cachos e se sente bem consigo mesma.

Um fato curioso entre a jovem Isaura e Vitória é que ambas relatam que sua maior força para superar o bullying foi à fé em Deus, em suas falas respectivamente:

Saber que quem me fez foi Deus e quando fiz minha crisma eu ouvi uma frase que não esqueço jamais, que sou um pouquinho do rosto de Deus e se ele me fez assim não tem porque reclamar” (Isaura, entrevista realizada em 20 de março de 2023)

A fé em Deus [vinde a mim quem está cansado e aflito e eu os aliviarei] me apegava a isso, chorava igual criança, mas depois ficava leve. (Vitória, entrevista realizada em 20 de março de 2023)

Isso mostra que mesmo a religião muitas vezes forçando estereótipos de submissão da mulher, a fé, é ao mesmo tempo um alento quando o sofrimento das imposições e preconceitos que influenciavam negativamente suas vidas.

Diante do exposto se faz necessário pensar em como a saúde mental dessas mulheres reage diante da pressão simbólica para chegar ao “corpo perfeito”. Os relatos das participantes mostram histórico de insatisfação com seus corpos, que influenciam diretamente na sua autoestima. Das dez participantes cinco relatam histórico de ansiedade, destas, três necessitam de ajuda psicológica. Embora não apontem diretamente a relação com o corpo como causa da

ansiedade, sabe-se que são fatores que podem influenciar diretamente nas suas vidas, uma vez que a baixa autoestima provoca diversas inseguranças (CASSAS, 2019), tanto relacionado ao corpo, como nos relacionamentos interpessoais e profissionais.

Nesse sentido, o processo de aceitação de si é longo e muitas vezes doloroso quando se veem presas ao ideal do cabelo liso, corpo padrão, pele sem espinhas, estrias ou manchas, seios firmes. As falas das participantes demonstram o quanto é difícil ser mulher. Mesmo não percebendo o sistema de imposições no qual estão inseridas, sentem em seus corpos e vida as marcas das repressões sociais histórica e culturalmente construídas. Exemplos disso é o caso de Vitória quando sofreu racismo na escola, por pouco não desistiu do ensino médio. Nota-se que cada jovem sente de uma forma diferente as imposições da idealização da beleza, mostrando ser algo inalcançável. Sair dessa redoma é um processo difícil e doloroso, como citaram as participantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pontuou sobre a relação de mulheres jovens camponesas do município de São Bento do Una-PE, com seu corpo e sexualidade no contexto familiar e locais de sociabilidade. Observou-se que a religião cristã e o sistema patriarcal mantém influência nos princípios morais que regem a educação, determinando costumes e a idealização de padrões corporais.

Por meio da educação ligada a moral cristã, o silenciamento a respeito do sexo e sexualidade, e é predominante nas relações familiares das jovens. Essa ausência, segundo elas, é um costume que perpassa gerações. Nesse cenário, os pais não se sentem à vontade para conversar com as filhas, talvez por vergonha, medo ou por não ter conhecimento sobre o assunto e não saber como se expressar. Do mesmo modo, as jovens também não procuram os pais para tirar suas dúvidas e falar abertamente sobre sua sexualidade. Algumas apontam serem tímidas e não sentirem abertura para ter esse diálogo, ou mesmo acreditando que este seja um assunto que não deve ser estabelecido entre pais e filhos, como expressou uma das interlocutoras.

Desse modo, as lacunas deixadas nessas relações familiares são preenchidas no ambiente escolar onde, por meio de algumas aulas é apresentada um pouco a dimensão sobre sexo e relações sexuais, com foco na prevenção à gravidez e Infecções Sexualmente Transmissíveis. No entanto, deixa-se de lado a diversidade sexual, ponderando apenas as relações heteroafetivas.

É possível afirmar que a moral cristã mantém influência quando se trata da educação e sexualidade das jovens, a exemplo de Fátima que precisou casar-se por perder a virgindade. Também ligado ao cristianismo, às relações homoafetivas foram colocadas por algumas colaboradoras como algo impróprio, que vai contra a vontade de Deus, ao tempo que as jovens bissexuais são impedidas por essa moral a viver sua sexualidade abertamente, obrigadas a manter suas relações em sigilo, ou mesmo deixar de viver por medo de serem descobertas. Portanto, as imposições heteronormativas regradas pela moral cristã interferem nas vivências de sua sexualidade.

Além da sexualidade, a relação com o corpo foi colocada pela maioria como uma relação conflituosa, de não aceitação de sua autoimagem, por serem induzidas pela construção histórico-cultural a uma idealização corporal. Como consequência dessa repressão social na busca do corpo perfeito, sentem-se insatisfeitas com seus corpos. Vimos que cada uma sente de formas específicas essas repressões, se veem com baixa autoestima, levando em alguns casos, a necessidade de ajuda terapêutica, para o processo de aceitação de si. Com isso, constatamos

que o sistema patriarcal que se apresenta racista e capitalista, mantém através dos controles dos corpos sua hegemonia e submissão dos corpos femininos.

Nesse sentido o trabalho é de grande relevância para compreensão de como as mulheres rurais sentem em seus corpos e na vivência da sexualidade o domínio patriarcal e religioso que simbolicamente vão moldando por viés cultural as suas vivências e a forma como se sentem.

Tendo em vista a naturalização da sexualidade como um assunto privado, que deve ser discutido apenas nas relações íntimas e, portanto, pouco questionado, leva, por sua vez, a aceitação ou a não percepção de relacionamentos desiguais, violentos e/ou abusivos. O campo descrito é ainda pouco explorado pelas ciências sociais. Logo, este trabalho abre espaço para uma trilha que embase o conhecimento acerca dos corpos e sexualidades.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel, **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo Ação Educativa, 1997. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442_1175_abramowendel.pdf> Acesso em: 02 de novembro de 2020
- ALMEIDA. Ronaldo. **Roteiro para o emprego de grupos focais**. 2016. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4404048&forceview=1>> Acesso março de 2023
- ALVES. Ana Elizabeth Santos, SILVEIRA. Ivana Teixeira. Anos 50 e mundo rural: na terra do “atraso” a semente da luta. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, nº 56, p. 118-131, maio 2014 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640438/7997>> Acesso 25 de abril de 2013
- ARBOIT. Anilce Angela, PACHECO. Luci Mary Duso, Exclusão social no mundo rural: ideologia e poder nos livros didáticos. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**. ISSN 1809-1636. Disponível em: <http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_016/artigos/pdf/Artigo_15.pdf> Acesso 25 de abril de 2023
- BALESTRIN. Nádia Luzia, **Algumas reflexões acerca das jovens camponesas, agroecologia e decolonialidade**. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/65721>> Acesso 01 de Dezembro de 2020.
- BALTAZAR, Andrea. **Cultura Camponesa e telenovela: em jogo a identidade da vida íntima**. 2004. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/folders/1ciEWbdRCnGpBAw2nUK3C0ztArrds9IX1>> Acesso 19 de abril de 2023
- BANIWA, Braulina. **Mulheres: corpos-territórios indígenas em resistência**. 2023. disponível em: <https://s3.sa-east-1.amazonaws.com/comin.org.br/COMIN-Mulherescorposterritoriosindigenasemresistencia_2023.pdf> Acesso maio de 2023
- BARBOSA, Maria Raquel, MATOS. Paula Mena, COSTA. Maria Emília, Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/WstTrSKFNy7tzvSyMpqfWjz/?format=pdf&lang=pt>> Acesso maio de 2023
- BBC – **Arqueólogos estudam práticas sexuais de civilização précolombianas**. Alberto Nájjar, BBC Mundo, 2010. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/07/100713_precolombianossexo_ba> Acesso em 29 de agosto de 2021
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1980.
- BELUSSO, Andreia. PONTAROLO, Edilson. WEDING, Josiane Carine. **Sexualidade e Educação: Uma perspectiva decolonial dos enquadramentos da sexualidade camponesa**.

Revista Educere Et Educare, Vol. 15, N. 36 (2020) Especial Educere, Out. 2020. Ahead of Print. DOI: 10.17648/educare.v15i36.19612

BERALDO. Flávia Nunes Morais. **Sexualidade e escola: um espaço de intervenção**. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/GmqthR6NrvWChSpK7C6FLCM/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em abril de 2023

BITTENCOURT. João Batista de Menezes, PEREIRA. Alexandre Barbosa. **Juventude e Antropologia: Uma relação controversa**. 2021. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/13018/9171>> Acesso maio de 2023

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc e CESIDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Rev. Mal-Estar Subj. [online]. 2007, vol.7, n.2, pp. 451-478. ISSN 1518-6148. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482007000200012&script=sci_abstract> Acesso 22 de abril de 2023

BOURDIEU. Pierre, **A dominação masculina**. 2002. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU_Pierre._A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646> Acesso maio de 2023

BOURDIEU. Pierre, **O corpo Camponês**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 26, p. 83-92, jun. 2006.

BUENO, Samira. LIMA, Renato Sérgio (coord.). Anuário Brasileiro de Segurança Pública/**Violência sexual infantil, os dados estão aqui, para quem quiser ver**. 2022. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/14-anuario-2022-violencia-sexual-infantil-os-dados-estao-aqui-para-quem-quiser-ver.pdf>> Acesso abril de 2023

BUTLER. Judith, **Corpos que importam, os limites discursivos do “sexo”**. 1ª ed. - São Paulo, 2019.

CASSAS. Lucas Palaia. **A escuta psicanalítica de manifestações afetivas relativas à problemática da insegurança e da baixa autoestima**. 2019. Disponível em: <<http://anais.uel.br/portal/index.php/sppms/article/view/631>> Acesso abril de 2023

CAMARANO. Ana Amélia, ABRAMOVAY. Ricardo, **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos**. 1999. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2651/1/td_0621.pdf> Acesso em: maio de 2023

CITRO. Silvia, (coord) **Antropología de y desde los cuerpos**. Colección Culturalia. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2010. ISBN 978-950-786-840-5.

COLETIVO LGBTI - LVC. **Diversidade sexual e de gênero na Via Campesina: Rompendo o silêncio sobre a existência das LGBTI no campo**. Cartilha 1. 2020.

DE CASTRO. Elisa Guaraná, **Juventude rural: “apenas uma palavra” ou “mais que uma palavra”**. 2005. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/29->

encontro-anual-da-anpocs/gt-25/gt21-19/3812-ecastro-juventude/file> Acesso em: maio de 2023

DE SOUZA SILVA. Ana Flávia, et al. A magreza como normal, o normal como gordo”: reflexões sobre corpo e padrões de beleza contemporâneos. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, vol. 6, núm. 4, 2018 Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=497957635004>

DIMAMBRO, Nadiesda. Mulheres no Brasil dos anos 1970: militância, mídia e padrão de beleza. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 157-178, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/download/155487/155190/364035> Acesso: 22 de abril de 2023

ESTÉS. Clarissa Pinkola, **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. tradução e Waldéa Barcellos. 1ªed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FELIPPE, Mariana Boujikian & OLIVEIRA-MACEDO, Shisleni de. 2018. "Sexo e temperamento em três sociedades primitivas". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/sexo-e-temperamento-em-tres-sociedades-primitivas>

FERREIRA Ana Paula, RESENDE. Fernanda Mendes, ANDRADES. Maria Cláudia da C. F. S. D’A. de. A mulher e o sistema capitalista: um diálogo das obras Calibã e a Bruxa e O Conto da Aia. Caderno Espaço Feminino. V.34, n.2, jul./dez. 2021. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/download/65098/33559/284135>> Acesso junho de 2023

GOMES. Nilma Limo, **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. ISBN – 978-85-513-0604-8. 2019. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=gQSfDwAAQBAJ&lpg=PT5&ots=sNXY6GBBEj&dq=Nilma%20Lino%20Gomes&lr&hl=pt-BR&pg=PT3#v=onepage&q=Nilma%20Lino%20Gomes&f=true>> Acesso 28 de abril de 2023

GONÇALVES, RC, FALEIRO, JH, MALAFAIAG. **Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios**. HOLOS [em linha]. 2013, 5(), 251-263[fecha de Consulta 27 de abril de 2023]. ISSN: 1518-1634. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481548607021>> Acesso: 18 de março de 2023

GONTIJO, Fabiano de Sousa. Sexualidade e ruralidade no Brasil: o que os estudos rurais e os estudos de gênero e sexualidade não dizem sobre essa relação? **Vivências: Revista de Antropologia**. V.1 n.45, 2015. p. 145-158.

GOLDENBERG. Mirian, **A arte de Pesquisar**. 2007. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/ess/Members/lobelia.faceira/ensino/programa-de-pos-graduacao-em-memoria-social/seminario-de-pesquisa-doutorado-memoria-social/textos/goldenberg-a-arte-de-pesquisar/at_download/file> Acesso junho de 2023

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE. População / São Bento do Una - Pernambuco <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/sao-bento-do-una/panorama>> Acesso 2023

IBGE. Território / São Bento do Una - Pernambuco <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/sao-bento-do-una/panorama>> Acesso 2023

IBGE. Religião / São Bento do Una - Pernambuco <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/sao-bento-do-una/panorama>> Acesso 2023

IZQUIERDO, Jose Maria de Jesus; PAULO, Maria de Assunção Lima de; SANTOS, Valdonilson Barbosa dos. Juventude rural e vivências da sexualidade. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.27, n.4, out.-dez. 2020, p.1265-1283. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/LBDqnnvZSJyWTLz7R3ZwTTc/>

LEMOS. Carolina Teles, **religião e patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero**. <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/2795/1709>> acesso 03 Acesso em 03 de dezembro de 2020

LIMA, Júnia Marússia Trigueiro de; RIBEIRO, Dalila Talita Alves; FERNANDO, Hérica Janaina da Silva; SIQUEIRA, Gleicilene da Silva; ALVES, Josiel Ventura; FARIAS, Vinícius Matheus dos Santos. **Sobrevivendo à pandemia no Semiárido Paraibano: efeitos sociais do coronavírus em moradores de três municípios do Cariri Ocidental**. Campina Grande - PB: EDUFCEG, 2022. ISBN: 978-65-86302-78-3. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/29557> Acesso junho de 2023

LOURO. Guacira Lopes, (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Autêntica: Belo Horizonte 2000. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>> Acesso abril de 2023

MACEDO, Fabiana Farias de. **Práticas pedagógicas e homofobia em escolas do Cariri Paraibano**. 2019. 75f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil, 2019.

MARTINS. Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. 2004. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>> Acesso junho de 2023

MAUSS. Marcel. **Sociologia e Antropologia**. 1974. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6992545/mod_resource/content/1/As%20T%C3%A9nicas%20Corporais.pdf> Acesso junho de 2023

MINAYO. Maria Cecília de Souza, (org). DESLANDES. Suely Ferreira, GOMES. Romeu. **Pesquisa social: teorias, métodos e criatividade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2016.

MOTT, Luiz. Etno-história da homossexualidade na América Latina. **História em Revista. Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel**. V.4, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/download/12016/7631>> Acesso em 27 de agosto de 2021

NASCIMENTO. Erika Benigna, SOUZA. Maria Celeste Reis Fernandes de, DE PAULA. Fernanda Cristina, **Racismo recreativo nos corpos-território de adolescentes negras na escola.** 2023. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/5854/11330%3E>> Acesso 28 de abril de 2023

NASCIMENTO, E (Org.) et al. **Juventude e permanência no campo: reflexões das juventudes rurais sobre possibilidade, limites e desafios.** 1ª ed. Recife: Centro Sábila, 2016.

NORONHA, Maressa Maelly Soares. PARRON, Stênio Ferreira. **A evolução do conceito de família.** 2012. Disponível em <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170602115104.pdf> Acesso 22 de março de 2023

OLIVEIRA. Rayane Dayse da Silva, BATALHA. Erika Oliveira Maia. O mito da "ideologia de gênero" nas escolas: uma análise sociológica da tentativa conservadora de silenciar o pensamento crítico. **Inter-Legere – Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN.** V.1, n.20, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/12465/8853>> Acesso em 15 de maio de 2023

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Saúde Sexual/Sexualidade.** Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/sexual-health#tab=tab_2> Acesso maio de 2023

ORTNER, Sherry B. **Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?** Paz e terra. Rio de Janeiro, 1979.

PAIS. José Machado, **A construção sociológica da juventude—alguns contributos.** 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>> Acesso em: maio de 2023

RICH. Adrienne, **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.** Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742>> Acesso em junho de 2022.

RIBEIRO. Lucas Pires, PEREIRA. Robson Mendonça. **O riso e o caipira: de jeca tatu à Geraldino Nogueira.** 2015. Disponível em: <<https://anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/5932/3707>> Acesso 25 de abril de 2023

RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade.** 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1582>

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho.** 1987. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras-digitalizadas/questoes_de_genero/saffiotti_heleieth_o_poder_do_macho>. Acesso em 26 de agosto de 2021

SANTOS, Liany Silva dos. **Sexo na Propaganda da TV: Imagens dos padrões sexuais da cultura brasileira.** 2003. Dissertação (mestrado). Departamento de psicologia, PUC - Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3931/3931_4.PDF> Acesso 20 de março de 2023

SANTOS. José Douglas Alves dos, ALMEIDA. Éverton Vasconcelos de, Chico Bento e as representações sociais da infância. **Revista Brasileira de Educação do Campo**. 2013. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/6446/15065>> Acesso 25 de abril de 2023

SARDENBERG. Cecilia M. B. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. **Inclusão social**. V.11, n.2 2018. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4106>> Acesso 17 de maio de 2023

SCOTT, Ruan. **Gênero uma categoria útil para análise histórica**. 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>> Acesso em 21 de agosto de 2021.

SEGATO, Rita Laura. **Os percursos do gênero na antropologia e para além dela**. Brasília, 1998. (Série Antropológica).

STRATHERN. Marilyn. **O Gênero da Dádiva**. 2006. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2941295/mod_resource/content/1/Strathern%2C%20Marilyn.%20O%20G%20C%3AAAnero%20da%20D%20C%3A1diva%20%281%29.pdf> Acesso maio de 2023

TURNER, Victor. **Liminaridade e Communitas**. Em: O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes. 2013.

VIEIRA. Rosângela Steffen. **Juventude e sexualidade no contexto (escolar) de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87239/210274.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso maio de 2023

WLIAN. Luiz Fernando. **Capitalismo contemporâneo e corpo sensível**. 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_23102021120331.pdf> Acesso junho de 2023

APÊNDICE A

Roteiro entrevista semiestruturada

Identificação

Nome:

Idade:

Comunidade:

Estado civil:

1. Como é a relação com seus pais? Vocês conversam sobre sexo, sexualidade?
2. A sua religião tem alguma orientação sobre como deve ser o relacionamento entre casais?
(Sexo antes do casamento)
3. Como sua religião vê as relações homoafetivas?
4. Como você vê as relações homoafetivas?
5. Como você se sente em relação ao seu corpo?
6. Você costuma conversar com seus amigos sobre sexo e sexualidade?
7. Como se dá a divisão do trabalho doméstico na sua casa?

APÊNDICE B

Roteiro grupo focal

Apresentação das participantes:

Sítio:

Idade:

Estado civil:

Religião:

Introdução

O que vocês entendem por identidade de gênero?

O que vocês entendem por sexo e sexualidade?

O que entendem por violência de gênero?

Perguntas

1 - Como é a relação em casa com seus pais, vocês conversam sobre sexo e sexualidade?

2 - Já deixou de vivenciar algo em suas relações afetivas por seguir princípios religiosos que não permitem?

3 - Há um posicionamento da sua religião sobre as relações homoafetivas que você acredita está correta?

4 - No seu ciclo de amizade tem pessoas LGBTs? Como você vê as relações homoafetivas?

5 - Costuma conversar com seus amigos sobre sexo, sexualidade e suas relações afetivas?

6- Em algum momento sente-se ou sentiu pressionada para manter um padrão estético?

APÊNDICE C

Questionário Google Forms

Vivências Rurais: como jovens camponesas lidam com seu corpo e sexualidade no município de São Bento do Una-PE

A pesquisa tem como objetivo entender como as jovens camponesas das comunidades rurais do município de São Bento do Una lidam com seu corpo e sexualidade nos espaços de sociabilidade busca também analisar a possível existência de violência de gênero no campo e imposições de regras heteronormativas que interfiram na sua percepção sobre seu corpo e sexualidade e se há influências religiosas nesse processo.

1. Nome
2. Idade
3. Comunidade
4. Número de telefone
5. Segue alguma religião? Qual?
6. Qual sua orientação sexual?
7. Qual sua identidade de Gênero
8. Qual sua cor/raça?
9. Tem interesse em participar da pesquisa?

APÊNDICE D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ESTUDO: Vivências Rurais: Como jovens camponesas lidam com seu corpo e sexualidade no município de São Bento do Una-PE

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, _____, profissão....., residente e domiciliado na _____, portador da Cédula de identidade, RG _____, e inscrito no CPF/MF..... nascido(a) em ____ / ____ / _____, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo ***Vivências Rurais: Como jovens camponesas lidam com seu corpo e sexualidade no município de São Bento do Una-PE.*** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) A pesquisa tem como objetivo entender como as jovens camponesas das comunidades rurais do município de São Bento do Una, lidam com seu corpo e sexualidade nos espaços de sociabilidade, buscando analisar a possível existência de regras e costumes culturais que interfiram no seu jeito de ser, sentir e viver.
- II) Busca conhecer as vivências nos espaços de sociabilidade no âmbito familiar e nas relações interpessoais das jovens camponesas, entendendo o campo como um lugar heterogêneo de corpos e sexualidades diversas que agem e reagem de distintas formas na construção sociocultural de sua identidade social. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, dividida em três etapas, os primeiros dados serão coletados a partir de um questionário online, seguidos de entrevista e grupo focal, que serão gravadas. Propondo-

se a ouvir jovens mulheres rurais entre 15 e 29 anos de idade. Todas as informações coletadas terão sua confidencialidade preservada, mantendo a privacidade das informantes, sendo a pesquisadora a única a ter acesso aos mesmos.

- III) Todos os cuidados serão tomados durante a pesquisa para manutenção do sigilo das participantes. Cabe ressaltar possíveis riscos de exposição de dados em caso de perda ou roubo dos meios tecnológicos utilizados para coleta de dados, neste caso tudo será tratado nos termos da lei. As informações obtidas durante a pesquisa poderão contribuir para a criação ou fortalecimento de políticas públicas que visem a liberdade e autonomia das jovens camponesas;
- IV) As participantes serão acompanhadas durante o processo de pesquisa, podendo contatar a pesquisadora para eventuais dúvidas ou esclarecimentos.
- V) Em caso de desconforto durante a coleta de dados a participante poderá interromper ou desistir a qualquer momento;
- VI) Será mantido o anonimato das participantes, não sendo divulgados os seus nomes em nenhum momento da pesquisa ou após ela;
- VII) Os dados coletados apenas serão divulgados para fins científicos, sendo mantido o anonimato das participantes;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa

- () Desejo conhecer os resultados desta pesquisa
- () Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

- VIII) A participante receberá uma via deste documento, como garantia de seus direitos no decorrer da pesquisa.
- IX) As participantes poderão ser ressarcidas caso tenham despesas para realização da pesquisa;
- X) Em caso de danos morais ou materiais em decorrência da pesquisa a participante poderá solicitar indenização, nos termos da Lei vigente;
- IX) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP, do Hospital Universitário Alcides Carneiro - HUAC, situado a Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José, CEP: 58401 – 490, Campina Grande-PB, Tel: 2101 – 5545, E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br; Conselho Regional de Medicina da Paraíba e a Delegacia Regional de Campina Grande.

São Bento do Una - PE, ____ de _____ de 2023.

() Participante / () Responsável

Responsável pelo Projeto:

Hérica Janaina da Silva Fernando, licencianda em Ciências Sociais - 718130007

Contato: 81 993494978

herica.janaina@estudante.ufcg.edu.br

Orientadora:

Dra.^a Júnia Marússia Trigueiro de Lima